

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS
ESCOLA DE CIÊNCIAS DA VIDA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM PSICOLOGIA

RAFAEL LADENTHIN MENEZES

‘Ser menino’ nas narrativas de pais: estudo fenomenológico-hermenêutico

CAMPINAS/SP

2023

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS
ESCOLA DE CIÊNCIAS DA VIDA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM PSICOLOGIA

RAFAEL LADENTHIN MENEZES

‘Ser menino’ nas narrativas de pais: estudo fenomenológico-hermenêutico

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Psicologia do Centro de Ciências da Vida - PUC-Campinas, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Orientador: Prof. Dr. Wanderlei Abadio de Oliveira

CAMPINAS/SP

2023

Ficha catalográfica elaborada por Vanessa da Silveira CRB 8/8423
Sistema de Bibliotecas e Informação - SBI - PUC-Campinas

150 M543s Menezes, Rafael Ladenthin.
'Ser menino' nas narrativas de pais: estudo fenomenológico-hermenêutico / Rafael Ladenthin Menezes. - Campinas: PUC-Campinas, 2023
80 f.

Orientador: Wanderlei Abadio de Oliveira.
Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Escola de Ciências da Vida, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 2023.
Inclui bibliografia.

1. Psicologia. 2. Identidade de gênero. 3. Fenomenologia. I. Oliveira, Wanderlei Abadio de. II. Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Escola de Ciências da Vida. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. III. Título.

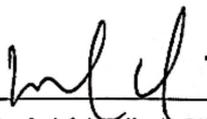
CDD - 22. ed. 150

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS
ESCOLA DE CIÊNCIAS DA VIDA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM PSICOLOGIA

RAFAEL LADENTHIN MENEZES

**'SER MENINO' NAS NARRATIVAS DE PAIS: ESTUDO FENOMENOLÓGICO-
HERMENÊUTICO**

Dissertação defendida e aprovada em 15 de fevereiro de 2023 pela
Comissão Examinadora.



Prof. Dr. Wanderlei Abadio de Oliveira
Orientador da Dissertação e Presidente da Comissão Examinadora.
Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas)



Profa. Dra. Vera Engler Cury
Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas)



Prof. Dr. Eduardo Name Risk
Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)

Agradecimentos

Meu amoroso agradecimento à minha esposa, Karina Zapater, que é presença em minha vida e que sustentou esse trabalho com amor, paciência e incentivo. Minha companheira de vida, de profissão e de muitas reflexões... “Não tenho muito o que falar, é continuar botando lenha para esta chama eternizar”.

Aos meus filhos, Iriê, Miranda e Selene, que são meus maiores mestres professores.

Agradeço ao meu pai, que me ensinou a olhar para as estrelas com curiosidade e me dava livros para ler.

Agradeço à minha mãe, que me ensinou a amar e a sonhar.

Aos meus irmãos e meus amigos, que me ensinam a me conectar ao mundo com fraternidade e tolerância.

Aos meninos que acolho em minha clínica (e que também me acolhem em suas vidas) e que me ensinam a conservar a força de minhas curiosidades e o frescor de minhas possibilidades.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Wanderlei Abadio de Oliveira, que me ensinou a desenvolver essa pesquisa, mas que essencialmente me mostrou que, aqui, também encontrei algumas facetas do meu próprio Ser.

Aos professores que compõem essa banca de defesa, pela leitura e avaliação cuidadosa. Ao Prof. Dr. Eduardo Risk e à Profa. Vera Cury pela participação primorosa na banca de exame de qualificação e pelas contribuições para o caminhar dessa dissertação desde aquele ponto.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Dedico esse trabalho aos meus ancestrais. Minha vó Cida, mulher sábia, dona de si e que ainda me ensina. Meu saudoso vô Berredo, que viu em mim o potencial para continuar a linhagem dos intelectuais da família. Meu saudoso vô Mário, patriarca de linhagem materna, que dizia que eu poderia atravessar um rio com os pés. Minha saudosa Vó Nenzinha, fonte do amor mais puro que já vi e de uma altíssima espiritualidade. Meu saudoso sogro, Prof. Dr. Francisco Benjamin de Souza Netto, que me proporcionou aventuras verdadeiramente filosóficas. E minha sogra Helir, presença de uma alegre simplicidade que admiro e que me conforta. Que eu possa honrá-los.

*“Eu penso
Renovar o Homem
Usando Borboletas”.*
(Manoel de Barros)

Resumo

Atualmente, a construção social dos gêneros feminino e masculino tem sido tema de diferentes investigações científicas e é no âmbito familiar, ainda nas primeiras interações, que as estruturas de crenças nesse sentido são reforçadas ou podem ser redimensionadas. Essa investigação tem como objetivo conhecer narrativas de pais (homens) de pessoas do sexo masculino sobre o que é “ser menino”. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de caráter fenomenológico-hermenêutico, e seus desdobramentos assumem a historicidade do desenvolvimento de preconceções sobre a formação de conceitos sobre o que é ‘ser menino’. A coleta de dados foi realizada por meio de entrevistas semiestruturadas com quatro homens, todos pais de meninos. Os participantes foram selecionados por conveniência e foi aplicada a técnica *snowball*. Os dados foram analisados por meio da análise fenomenológica interpretativa (AFI). Como pesquisa qualitativa de base fenomenológico-hermenêutica, adotou-se como premissa o desenvolvimento de um caminho de coleta de dados que possibilitou um espaço mais flexível para que os pais participantes pudessem discorrer sobre o tema. Assim, verificou-se perspectivas em comum nas narrativas dos participantes. Eles expressaram preconceções sobre o que é ‘ser menino’, evidenciando que, a partir dessas crenças, eles balizam algumas de suas expectativas sobre os filhos e direcionam modos de educar, o que, conseqüentemente e conforme interpretamos, impacta de algum modo na formação dos seus filhos. As narrativas apresentadas também demonstraram que o contato com o tema e a possibilidade de reflexão sobre ele fez com que esses pais elaborassem seus pensamentos a partir de perspectivas que indicam movimentos para ressignificar algumas de suas preconceções. Assim, verificou-se que a própria experiência de educar os filhos já era um elemento de inquietação e reflexão diante do fato de que nem sempre seus filhos reforçavam as expectativas paternas, quase sempre fundamentadas em crenças sociais sobre o que é ‘ser menino’. Conclui-se, portanto, que o trabalho de análise e interpretação de narrativas dos pais sobre seus filhos serve à psicologia no sentido de compreender como ou de que forma as preconceções sobre os modos de Ser da criança impactam no desenvolvimento. E, no caso desse estudo, de que maneira as preconceções sobre ‘ser menino’ direcionam o modo como os meninos podem ser educados, bem como a forma que eles estruturam suas próprias subjetividades a partir do contato com seu mundo e seus contextos sociais.

Palavras-chave: psicologia; gênero; fenomenologia; pesquisa qualitativa.

Abstract

The current social construction of the feminine and masculine genders has been the subject of different scientific investigations. In the family environment, during the first interactions, the structures of beliefs in this sense are reinforced or can be reshaped. This study sought to discover narratives from (male) fathers about the upbringing of male children. This is a qualitative, phenomenological-hermeneutic study, and its unfoldings assume the historicity of the development of preconceptions about the formation of concepts about what it is to 'be a boy.' The data was collected through semi-structured interviews with four male fathers of boys. The participants were selected by convenience, and the snowball technique was applied. The data were analyzed using interpretative phenomenological analysis. As a phenomenological-hermeneutic-based qualitative study, we adopted as a premise the development of a data collection path that allowed a more flexible space for the participating fathers to discuss the theme. Hence, common perspectives were found in the participants' narratives. They expressed preconceptions about what it is to 'be a boy,' showing that, based on these beliefs, they guide some of their expectations about their children and direct ways of educating them, which consequently, and as we interpret, impacts in some way on the formation of their children. The narratives presented also showed that the contact with the theme and the possibility of reflection on it made these parents elaborate their thoughts from perspectives that indicate movements to redefine some of their preconceptions. Therefore, it was possible to verify that the very experience of raising their children was already an element of uneasiness and reflection on the fact that their children did not always reinforce their parents' expectations, almost always based on social beliefs about what it is to 'be a boy.' Our findings enabled us to conclude, therefore, that the work of analysis and interpretation of parents' narratives about their children serves psychology in the sense of understanding how or in what way preconceptions about the ways of being a child impact development. Moreover, in the case of this study, how preconceptions about 'being a boy' direct how boys can be educated and how they structure their subjectivities from contact with their world and social contexts.

Keywords: psychology; gender; phenomenology; qualitative research.

Sumário

Apresentação	10
Introdução	13
Marco Teórico	28
Objetivos	31
<i>Objetivo Geral</i>	31
<i>Objetivos Específicos</i>	31
Método	32
<i>Participantes</i>	32
<i>Procedimentos</i>	32
<i>Técnica de coleta de dados</i>	34
<i>Análise de Dados</i>	36
<i>Questões Éticas</i>	37
Resultados	38
<i>Caso 1: João</i>	38
<i>Caso 2: Miguel</i>	46
<i>Caso 3: Gabriel</i>	51
<i>Caso 4: Davi</i>	56
<i>Interpretação geral</i>	62
Discussão	64
Considerações finais	72
Referências	76
Apêndice A – Roteiro de Entrevista	80

Apresentação

O desenvolvimento desse estudo esteve, desde a sua concepção, permeado por minhas vivências enquanto psicólogo clínico de crianças e adolescentes, bem como pelo meu lugar de pai, esposo, filho, irmão e amigo.

Afirmo algo que deve estar esclarecido na experiência de todos os que se inquietam em determinados momentos da vida, pois é a partir de nossa experiência de viver no mundo que é possível pensar, refletir e nos movimentar em direção a algo. Esse princípio, em sua simplicidade, está, da maneira como me relaciono como o meu campo teórico de preferência, no coração da fenomenologia. Compreendo o que sou eu a partir do lugar em que estou. O que entrego aqui é parte de uma jornada pessoal que surgiu com algumas inquietações e que foi sendo construído também em relação com o mundo acadêmico e universitário, com a instituição que me acolheu, com meus colegas e com meu orientador.

Percebo que o esforço de ser pesquisador, na condição de pai de família e psicólogo atuante, revelou alguns sacrifícios necessários que me fizeram retomar, a cada tarde de sol deixada de lado na presença de minha família, os sentidos que me levaram a dedicar dois anos de minha vida à produção de um trabalho acadêmico.

Na condição de psicólogo de crianças e adolescentes, possivelmente por ser um homem cisgênero, atendo uma quantidade muito maior de meninos do que de meninas. O mundo dos meninos, tendo eu um dia também sido um menino, talvez pudesse ser mais familiar para mim, mas, nesses dez anos de profissão, tenho tido sempre a alegre sensação de adentrar universos tão diferentes que, todos os dias, tenho a oportunidade de me inquietar, de criar e de viver experiências que alimentam o meu aprendizado.

Nenhum desses meninos chegou até mim sem ao menos um de seus pais. Eu tenho por hábito atender primeiramente os responsáveis pela criança ou pelo adolescente. Portanto,

escuto previamente uma história sobre alguém que ainda irei conhecer e, como sou terapeuta, escuto muitas queixas. O relato dos pais sobre seus filhos é significativo para o processo terapêutico. Não porque revelam algo diretamente sobre os filhos, mas por fazer aparecer uma parte da dinâmica dessa relação e, sobretudo, algo que fala mais sobre os próprios pais do que sobre seus filhos.

O que pude compreender ao longo desses anos é que o modo como os pais pensam influi e impacta na formação dos filhos, não como uma mão que modela um jarro de barro, mas como algo mais parecido com contemplar uma obra de arte: Sentimos que a obra em si diz algo para nós, sobre nós e através de nós, mas jamais revelando o que é por si mesma.

Explico. Existe algo dos pais nesses meninos, mas eles não são seus pais. A terapia frequentemente revela que as expectativas que os pais alimentam sobre seus filhos acabam se tornando medidas de formação de características que podem se diferenciar, ou mesmo se opor, ao pensamento desses pais.

Esse elemento é importante, pois compreender o que os pais pensam é uma forma de visualizar contextos que, em suas muitas camadas e possibilidades, fazem parte da formação dos filhos. A análise e a interpretação em contexto das falas dos pais são fundamentais para o psicólogo que pretende ter um olhar mais amplo sobre as demandas das crianças e dos adolescentes que acolhe em seu consultório.

‘Ser menino’ é uma expressão que já denota uma compreensão prévia sobre o modo como os meninos “aparecem” para nós. A ligação entre “Ser” e “menino” é propositalmente uma maneira de questionar de que forma ligamos o nosso pensar à existência de crianças do sexo masculino. Se pararmos alguns minutos para observar o que pensamos sobre meninos, certamente encontraremos imagens que fazem parte da nossa experiência com o mundo, de acordo com o que nos foi possibilitado viver e aprender.

Uma psicologia de base fenomenológica não está em busca de compreender em

absoluto o que ou como são os meninos. Isso nem seria possível, pois toda compreensão do Ser perpassa a ideia de que todo “Ser-Aí” (Dasein) é Ser-no-Mundo (Heidegger, 2006). Em outras palavras, ‘Ser menino’ não está desatrelado do modo como factual e historicamente descrevemos o que é um menino.

Por essa via, fui, aos poucos, construindo um tema de pesquisa que pudesse, a partir de uma perspectiva possível, acolher minhas inquietações que mostravam uma disposição de contribuir com os modos como falamos, acolhemos, educamos e formamos os meninos.

A ideia de uma pesquisa cujo foco se deu nas narrativas de pais de meninos foi uma dessas possibilidades, que vejo que contribui no sentido de um olhar que pode trazer para a reflexão a forma como esses pais pensam sobre o que é ‘ser menino’ a partir da experiência de serem pais de meninos.

Compreender essas narrativas é um modo de evidenciar o que pode ser dito sobre os meninos e, com isso, compreender como o que é dito se torna um elemento formador dos próprios meninos, seja na perpetuação de características previamente dadas a partir de crenças, seja nas possibilidades de expressões “fora da caixa”, que aparecem como resistência e como diferença.

Introdução

Esse estudo, fundamentado na fenomenologia hermenêutica, conhece narrativas de pais sobre seus filhos meninos, buscando interpretá-las com o objetivo de refletir sobre seus significados e sobre o impacto na formação de meninos.

O pesquisador que pretende investigar questões relativas à infância está, a partir da diversidade de referenciais que as ciências psicológicas oferecem, buscando compreender o Ser da criança e o seu desenvolvimento. O ato de compreender é, para a fenomenologia hermenêutica, uma abertura de possibilidades de sentido. Não se trata apenas de reproduzir referenciais históricos em um ciclo sistêmico de ideias preconcebidas, mas de, a partir dos referenciais que o Ser possui, abrir possibilidades de compreensão (Fernandes, 2016). Pensar, portanto, no desenvolvimento da criança é possibilitar olhares e modos de viver com a criança, é dar abertura para que se enxergue a criança por diferentes perspectivas, oportunizando uma compreensão mais ampla que possa, por via do questionamento, desvelar os aspectos que demonstram como a criança é o que é diante do mundo em que se desenvolve.

A questão central desse estudo é: Conhecendo narrativas de pais (homens) sobre o que é ‘ser menino’, o que podemos refletir sobre a própria formação dos meninos? Como possibilidade de análise, esse exercício interpretativo tem por objetivo identificar como, nessas narrativas, concepções sobre o que é ser menino indicam modos de compreensão que, direta ou indiretamente, influem no modo como esses pais educam seus filhos e, conseqüentemente, como esses modos de educar são formadores na construção da identidade e dos modos de Ser dos meninos.

Partimos da possibilidade de uma análise interpretativa, de base fenomenológica hermenêutica, de narrativas de pais sobre seus filhos meninos. Desenvolver uma análise baseada no que disseram alguns pais de meninos participantes dessa pesquisa tem por premissa desvelar, a partir do encontro entre pesquisador e entrevistado, aspectos do que esses pais

pensam sobre o que é ser menino. Quanto à escolha metodológica, cabe algumas considerações iniciais para esclarecer os fundamentos que sustentam a análise interpretativa proposta.

O fator mobilizador das questões emergentes nesse estudo parte de minha experiência enquanto psicólogo clínico, que me põe em contato com as peculiaridades da vivência dos pais com seus filhos. Uma dissertação de base fenomenológica compreende a pesquisa em uma dinâmica que acolhe os questionamentos que surgem por parte de quem pergunta e que, pela via da fundamentação e do método, busca desvelar, no caminho da análise, possíveis respostas e reflexões sobre o tema em questão (Szymanski et al., 2019).

Ouvir o que esses pais pensam sobre seus filhos confere a nós algumas possibilidades de análise que, em essência, remetem a pensarmos em uma hermenêutica do sujeito ou nas formas como a ideia de “sujeito” é estruturada (Foucault, 2019). Não se trata de criar generalizações sobre o que é especificamente dado enquanto conceitos possíveis sobre o “sujeito menino” por esses pais, mas de, a partir de um exercício de interpretação, desvelar modos próprios de se conceber o que é um menino.

A realização de uma interpretação de base fenomenológica hermenêutica de uma narrativa passa pela necessidade de não somente revelar o que foi falado, mas também de compreender. Sobre isso, a hermenêutica fenomenológica indica que a constituição dos modos de ser-no-mundo é historicidade, ou seja, é permeada pela relação de apreensão daquilo que está presente no mundo próprio do sujeito: “Cada indivíduo particular (...) encontra no idioma, no costume, nas instituições do seu povo uma substância prévia de que deve se apropriar” (Gadamer, 2020, p. 50).

O que a fenomenologia hermenêutica, particularmente no seu fundamento em Heidegger, oferece como perspectiva é a ideia central de que o *Dasein* (Ser-Aí) é, diante de seu mundo, uma abertura de sentido, isto é, o ente, em relação com o fenômeno, já estabelece em si os modos de apropriação deste (do Carmo, 2018). Assim, não existe *a priori* nada que

constitua no sujeito um conceito geral que explique a sua existência, o que só pode ser compreendido, nessa perspectiva, através da interpretação daquilo que constitui a relação do sujeito com seu mundo.

Pensando na expressão ‘Ser menino’, o que temos é uma possibilidade de compreensão sobre o que se estrutura enquanto enunciado sobre o que é ser um menino. Qualquer formulação que pretenda caracterizar e generalizar o que é um menino é vista como possibilidade a partir de um contexto que permite a construção de determinados enunciados. Compreende-se que conceitos sobre a criança do sexo masculino são permeados por narrativas estruturadas a partir de suas fontes e dos modos pelos quais se permitiu ao *Dasein* elaborar seus próprios sentidos sobre ‘ser menino’.

Os relatos do escritor J. J. Bola (2020), em seu livro “Seja Homem, Masculinidade Desmascarada”, é um exemplo bastante claro dessa dinâmica. O que Bola (2020) pretende em seu livro é questionar a construção de conceitos e comportamentos tipicamente atribuídos aos homens. Sua experiência como imigrante africano na Inglaterra possibilitou, segundo o autor, viver situações que permitiram um olhar crítico sobre os modos de ser homem.

Em um dos relatos, o autor conta sobre o bullying sofrido na adolescência após caminhar com seu tio de mãos dadas pelas ruas da cidade, o que é um costume para seu povo de origem: “Por que dois homens de mãos dadas é algo que não chama a atenção de ninguém em uma parte do mundo, enquanto, em outra parte, as pessoas param e olham assustadas?” (Bola, 2020, p.15).

Esse questionamento é ilustrativo da forma com que um comportamento ou um costume aparece como um conceito absoluto, normalizado e generalizado, o que contribui para a construção de enunciados que buscam definir – como verdade – o que é o Ser. No caso, o que é, ou como é, ser homem. J. J. Bola (2020) faz outro questionamento que também ressoa nessa pesquisa: “Temos nossas definições sobre a masculinidade e sobre as normas culturais mais

amplas em torno do assunto, mas o que elas significam para os meninos que agora se encaminham para o mundo adulto?” (p. 15). O que o autor coloca como “definições sobre a masculinidade” deve ser entendido como os fatores históricos, sociais e culturais que permitem a elaboração de determinados enunciados e conceitos sobre ser homem. Seu questionamento é justamente sobre como isso ressoa na formação dos meninos (Bola, 2020).

O autor também afirma que “existem vários mitos sobre a masculinidade e esses mitos são passados de geração em geração como verdades absolutas” (Bola, 2020, p. 23). A afirmação do autor se deve a uma necessidade, própria de sua experiência, de diferenciar o que é posto como “absoluto” e de outras condições que afirmam justamente uma diferença ou que demonstram outras possibilidades de Ser. A expressão “mito” é intempestiva, própria da linguagem que o autor emprega, mas pode ser interpretada como uma medida de apropriação de uma percepção crítica sobre o que procura se estabelecer como verdade.

Como esse estudo se propõe a entrar em contato com narrativas de pais de meninos, a contribuição de Bola (2020) é oportuna por ser um exemplo de como, através da intenção de refletir e das condições que permitem uma percepção que escapa do senso comum já enunciado enquanto verdade, podemos oferecer a possibilidade de uma ressignificação quanto ao que se diz e se entende sobre as crenças a respeito do que é ‘ser menino’.

Para as ciências psicológicas, a abordagem proposta faz o mesmo movimento epistemológico que Heidegger propôs ao criticar os modelos naturalistas da psicologia, segundo o qual Heidegger afirmou como uma “coisificação” do homem na medida em que se pretendia uma descrição do homem através de modelos apriorísticos e deterministas de sua natureza (do Carmo, 2018).

É de interesse dessa pesquisa, portanto, o que se evidencia como processos formadores de narrativas que buscam, de algum modo, caracterizar o que é ‘ser menino’. Para a psicologia, os impactos psicológicos dessas narrativas devem ser objeto de estudo, dado que sua

compreensão pode fundamentar reflexões sobre os modos de Ser do sujeito em seus diferentes contextos.

Um exemplo é o estudo elaborado por Kollmayer et al. (2018), que evidenciou o impacto psicológico de crenças sobre gênero na formação da identidade de homens e mulheres. Aponta-se para o fato de que não se tem dado a devida atenção ao impacto dessas crenças no desenvolvimento de crianças e adolescentes, o que indica que o tema ainda precisa ser explorado para que esse tipo de conhecimento se amplie, principalmente entre profissionais que lidam com crianças e adolescentes e que influenciam famílias na educação de seus filhos.

O estudo europeu também encontra ressonância em pesquisas brasileiras, como a de Cólis e de Souza (2020), que, ao analisar narrativas sobre gênero presentes em professores de educação infantil, concluíram que “as educadoras da infância que participaram desta pesquisa apresentaram, em suas narrativas, a hegemonia que constantemente reproduz a desigualdade de gênero e os efeitos do machismo nas crianças e em si mesmas” (p. 64).

O estudo de Kollmayer et al. (2018) também averiguou que existe uma forte relação entre a transmissão de crenças sobre gênero para crianças e o seu impacto em questões sociais envolvendo homens e mulheres, como escolhas profissionais, valores morais e comportamento. Um estudo americano conduzido por Koennig (2018) introduziu uma perspectiva bastante ampla sobre o impacto de crenças sobre gênero, averiguando a força desses efeitos e o modo como eles operam em diferentes faixas etárias.

Nesse estudo, é possível notar que narrativas sobre gênero presentes nos adultos influenciam diretamente no modo como crianças e adolescentes são educados. A autora também demonstrou como esses estereótipos influem na forma como meninos e meninas se percebem e como isso pode direcionar seus comportamentos em seus contextos sociais, comprovando como as características desses estereótipos criam diferenças significativas na educação de meninos e meninas (Koennig, 2018).

Para a autora, os dados analisados em sua pesquisa mostraram, por exemplo, que meninos tendem a ser mais direcionados para o que não fazer, enquanto meninas tendem para o fazer. Isso é significativo, pois identificar o modo como essas narrativas operam em meninos e meninas pode indicar questionamentos sobre a maneira como eles operam em sua formação: “as crenças dos pais sobre estereótipos de gênero podem influenciar o comportamento dos seus filhos em termos de papéis de gênero, por isso é importante compreender a visão dos adultos sobre as crianças” (Koennig, 2018, p. 11)¹.

Embora o espectro de possibilidades de pesquisa nesse campo temático seja bastante amplo, o que se verifica é que existe um esforço em demonstrar que narrativas sobre gênero possuem uma articulação que se forma a partir de contingências socioculturais. É o caso do estudo de Kishimoto e Ono (2008), que partiu da premissa de que o brincar da criança é uma construção sócio-histórica e que, portanto, o modo como a criança brinca e se identifica com determinadas brincadeiras é influenciada pelo meio que a permeia, a rigor mediado por pais, educadores e cuidadores.

Em linha semelhante a esses argumentos, o estudo de Cardoso e Nascimento (2017) observou crianças e educadores em uma creche e também verificou forte presença de crenças sobre gênero na condução dos educadores, que não só direcionavam o brincar das crianças de acordo com o sexo biológico como atuavam no sentido de vigiar as crianças em termos de evitar comportamentos que poderiam ser interpretados como não adequados para o sexo biológico.

O impacto da forma como os educadores atuavam junto às crianças reflete um processo de interiorização das normas e padrões: “Durante o período de observação, notou-se que as crianças conhecem quais são seus papéis sociais generificados, sabem o que a sociedade espera

¹ No original: “parental beliefs about gender stereotypes can influence their children’s gender role behavior, so understanding adults’ views of children is important”.

delas” (Cardoso & Nascimento, 2017, p. 258).

A perspectiva de evidenciar como opera a construção de narrativas sobre gênero, demonstrando suas origens socioculturais, também propicia importantes reflexões no que se refere ao modo como as expressões de gênero não-heteronormativas são vistas, inclusive pela comunidade acadêmica. A postura fenomenológica que permeia esse estudo impulsiona uma abertura inclusiva à diversidade, pois direciona um caminho de compreensão na formação das identidades e se afasta de perspectivas naturalistas que, como apontou Gadamer (2020), possuem o caráter de estabelecer um princípio essencialista sobre os fenômenos humanos.

As consequências de um essencialismo nesse campo são históricas, na medida em que os dispositivos discursivos produzidos através de uma linguagem tipicamente científica criaram a base para a classificação de determinados comportamentos de gênero como *páthos*, pertencentes ao espectro dos transtornos psicológicos (Broilo, 2021).

Nesse sentido, encontramos, na bibliografia em torno do tema, estudos que apresentam um tom crítico, por vezes combativo, e que possuem o objetivo de, através da ciência, refletir criticamente sobre a formação de narrativas sobre gênero e seus impactos. É o caso do estudo de Rios et al. (2019), que versou sobre a experiência escolar a partir das perspectivas vividas por professores *gays*. O objetivo dessa pesquisa foi elucidar como as narrativas sobre gênero atuaram nesses pesquisadores, que, no caso, apresentam uma forma de expressão que foge à norma dos estereótipos mais comuns. Com isso, buscaram impulsionar a reflexão no sentido de demonstrar a necessidade de uma atuação nos ambientes escolares que possa se atentar ao problema apresentado. Para os pesquisadores,

(...) o poder disciplinar, que recai sobre os corpos no contexto escolar, é disseminado por práticas educativas instituídas à medida em que hierarquizam, regulamentam e padronizam espaços, atividades pedagógicas, cores, modos de se comportar, brinquedos e brincadeiras, como sendo de meninos e de meninas (DIAS, 2014). Assim, criam regras

para obstar possíveis desvios e perversões da norma, fomentando e fortalecendo instrumentos de exclusão, mediante posicionamentos que vislumbram a normalidade meramente a partir de modelos heterossexistas. (Rios et al., 2019, p. 17)

Mais do que buscar uma descrição ou uma evidência das diferenças histórico-culturais na formação das identidades de gênero, as ciências sociais e psicológicas permeiam o tema também no sentido de compreender o impacto das crenças sobre gênero em questões que geram violências ou que impactam negativamente na saúde e no desenvolvimento do ser humano.

Nesse sentido, Brown e Stone (2016) investigaram o impacto do que chamaram de sexismo na educação de meninos e meninas, levantando os impactos das crenças sobre gênero na formação de crianças. Segundo as autoras, o sexismo se expressa através dos estereótipos de gênero, de atitudes enviesadas e da discriminação. São identificados como estereótipos aquelas crenças que atribuem características específicas para meninos e meninas, de forma generalizada. Sobre atitudes enviesadas, explicam as autoras que se referem a crenças sobre o que uma menina e um menino devem ser e como devem se portar. Discriminação, por sua vez, é definida como situações em que uma pessoa é tratada de maneira diferente por causa de seu gênero.

No mesmo estudo, as autoras consideraram fundamental que se diferencie questões específicas relacionadas a cada contexto cultural e étnico e apresentaram um recorte de algumas consequências diretas de atitudes sexistas na educação de crianças. Um exemplo está na relação com o estereótipo presente entre educadores americanos que avaliam os meninos como mais problemáticos em sala de aula, tanto em comportamento quanto em desempenho. Uma consequência foi evidenciada no estudo, com dados que demonstraram que os meninos são mais punidos na escola por suas atitudes do que as meninas, que costumam receber sanções mais brandas ou são ignoradas em seus atos (Brown & Stone, 2016).

Brown e Stone (2016) identificaram com mais precisão como os estereótipos dos

educadores influem na formação das crianças, apontando que eles acabam sendo reproduzidos pelos estudantes, como a atitude de desrespeito pelas atividades acadêmicas por parte dos meninos, que priorizam outras que caracterizam melhor os estereótipos sobre o que é ser menino.

Existem, portanto, fortes evidências que demonstram o quanto as narrativas sobre gênero atuam no sentido de impactar a formação de meninos e meninas e que esses efeitos podem gerar consequências negativas no desenvolvimento de crianças em diferentes âmbitos. As autoras ressaltam que os estereótipos podem desenvolver situações de tensão e discriminação com crianças que não se enquadram nos conceitos comuns do que é ser menino e do que é ser menina: “O tratamento tendencioso de professores, pais e colegas reforça as habilidades e interesses específicos de gênero das crianças, e as crianças enfrentam recriminação e discriminação quando não se enquadram nesses estereótipos” (Brown & Stone, 2016, p. 123)².

Brown e Stone (2016) sugerem que esses estereótipos presentes na formação da criança representam as concepções sobre o masculino e o feminino que geram, conseqüentemente, comportamentos que também se relacionam com violências, discriminações e processos repressivos das possibilidades de Ser. Por essa razão, elas sugerem é fundamental expandir pesquisas sobre o tema, de forma a esclarecer a dinâmica entre o aparecimento da narrativa sobre um determinado gênero e seu impacto na formação do Ser.

Dos diferentes modos pelos quais as narrativas se fundamentam e se situam em contextos sociais e culturais, temos um exemplo interessante no estudo de Campos e Lemos (2014), que verificou o impacto de uma cartilha sobre adolescência elaborada em 2009 e distribuída pelo Ministério da Educação. Verificou-se que a cartilha tinha o propósito de

² No original: “*Biased treatment from teachers, parents, and peers reinforces children’s gender-specific skills and interests, and children face recrimination and discrimination when they do not conform to those stereotypes*”.

transmitir informações para adolescentes brasileiros, reforçando estereótipos culturais sobre gênero. O referido estudo, embora com uma abordagem específica sobre modos de educar, abre a reflexão para que se possa pensar no caráter de poder da narrativa. Demonstra-se que, na formulação de uma narrativa, incluir certas imagens e informações, bem como excluir outras (como diversidade em termos de orientação sexual e identidade de gênero) tem em sua concepção propósitos claros de orientar, conservar e dar ênfase para determinadas percepções da realidade. A citada investigação refletiu, ainda, sobre a tendência de reforçar identidades heteronormativas nos adolescentes, o que exclui outras expressões identitárias.

Na perspectiva de Fróis (2020), “a expressão de gênero foi desenvolvida com base em discursos organizados num sistema de significados disponíveis aos indivíduos, de forma a darem sentido ao que é considerado como próprio do feminino e do masculino” (p. 04). Assim, a expressão de cada gênero é construída através do contato com os discursos prevalentes sobre como cada gênero se comporta. Nesse estudo, realizado em uma escola de educação infantil, a autora verificou que os discursos tomam um caráter “naturalista” sobre a identidade de gênero de meninos e meninas, reforçando concepções sobre o que é “ser menino” ou “ser menina”.

A literatura apresentada permite compreender a palavra enquanto signo socialmente compartilhado que ordena normas, ritos e dispositivos que visam orientar os modos de Ser. Especificamente, os modos de “ser menino” apreendidos se revelam como expressões de narrativas comuns carregadas de verdades, crenças e estereótipos, que operam incessantemente no sentido de direcionar, através da educação, de que modo os meninos devem ser.

É visto que narrativas podem fluir de acordo com a norma, não passando pelo crivo da reflexão e da apropriação de seus significados. Ele é comumente repetido como verdade e direcionado às crianças e aos adolescentes como parte daquilo que é necessário aprender sobre como desempenhar seu gênero – menino ou menina. Sobre o assunto, Judith Butler (1988) apresentou o conceito de performatividade de gênero, sugerindo que o modo como

expressamos nosso gênero é representativo da própria relação com os contextos sociais, caracterizando normas que nos identificam enquanto “homens” ou “mulheres” conforme o que é constituído discursivamente a respeito de ser homem ou mulher. Nesse sentido, tudo que foge à norma ou que não se respalda nas narrativas comuns se torna estranho, ou, em uma expressão comum analisada pela autora, *queer*.

Como visto na literatura sugerida, encontramos dispositivos discursivos que propagam crenças e costumes sobre gênero em diferentes âmbitos onde a comunicação é possível. Sotolani e Filha (2021) oferecem mais um exemplo em uma pesquisa exploratória sobre propagandas direcionadas às crianças na televisão. Dado ser um artigo recente, é importante notar que a televisão ainda propaga uma concepção muito nítida que diferencia os possíveis desejos e comportamentos de meninos e meninas.

Para estudos no campo da psicologia, faz-se necessário compreender o modo como os fenômenos humanos são interpretados, pois representam aspectos da formação de nossas próprias concepções sobre comportamentos e demandas. O exemplo das mídias, visto no estudo de Sotolani e Filha (2020), é representativo na medida em que, no atual contexto, exerce forte influência no imaginário humano.

Castellano (2018) também reflete sobre o papel das mídias na construção das preconceções sobre gênero, debatendo o quanto isso pode significar em termos não somente da formação dos modos de educar e, conseqüentemente, de formar identidades na criança, como também nas possibilidades de exclusão ou repressão de todo modo de Ser que não se apresenta nos parâmetros de uma normalidade, de uma “natureza”.

O autor propõe a necessidade de compreender a formação dessas narrativas enquanto medidas de interpretação da realidade, instituídas a partir de processos históricos, de forças de poder e de construção de ideais que não são fixos nem podem ser estabelecidos como verdades absolutas (Castellano, 2018).

Não se trata de negar a existência de questões de ordem física e biológica, mas de entender que elas se tornam socialmente funcionais a partir do momento em que são interpretadas pela cultura. Se desejamos disputar os sentidos atribuídos ao gênero e a seus correlatos papéis, devemos refletir sobre todas as esferas em que esses sentidos são produzidos, e acredito que o olhar sobre a infância e a construção social que ocorre desde o início da vida seja um *locus* interessante de observação. (Castellano, 2018, p. 23)

A proposta do autor ganha ressonância na medida em que a construção social do gênero – suas performatividades – impacta a formação da criança, que nem sempre se estabelece de acordo com as expectativas de seus pais ou de seu contexto social (Castellano, 2018). O estudo de Edione e Simoni (2019), por exemplo, verificou a presença de discriminação por gênero em crianças na primeira infância.

Esse estudo procurou não apenas identificar a ocorrência de discriminações de gênero em crianças pequenas, mas compreender a relação desses comportamentos com o modo como essas crianças estavam sendo educadas. Assim, observou-se uma limitação no diálogo sobre o tema com os educadores, que se sentiram desconfortáveis para falar do assunto, demonstrando falta de conhecimento sobre o tema e de habilidade em lidar com situações nas quais o comportamento das crianças demonstrava situações tipicamente sexistas.

Em outra perspectiva, Bereswill (2019) investigou a produção de argumentações que buscam explicar o conceito de que meninos estão em desvantagem em relação às meninas no quesito desempenho acadêmico. O autor demonstrou que muitas das interpretações realizadas na tentativa de compreender esse fenômeno partem de premissas fundadas em crenças sobre gênero.

Essas narrativas trazem as condições que formam o imaginário sobre o que é ser menino e sobre as masculinidades, pois partem de premissas causais, nas quais a ideia de ser menino

ou homem é posta como medida estruturante das consequências observadas no comportamento de meninos e homens. No caso de meninos, como observou Bereswill (2019), algumas narrativas buscam argumentar que o baixo desempenho é explicado pelo próprio enfraquecimento de suas masculinidades, o que confere uma ideia de que existe um fator absoluto na formação desses meninos que, geralmente, se não cumprido pelos modelos de educação, pode prejudicá-los.

Paetcher (2019) identificou uma tendência de escassez nos estudos que visam compreender o fenômeno de meninos considerados femininos. Essa pesquisa é elucidativa sobre como modos de Ser tidos como não-masculinos, culturalmente identificados como femininos, sofrem um processo de invisibilidade, pois estes meninos, especialmente os mais novos, acabam ocupando espaços menos expressivos porque existe uma necessidade de se proteger dos estigmas e de possíveis violências do coletivo frente à impossibilidade de adaptação às normas de gênero estabelecidas.

A expressão “meninos femininos” é elucidativa da forma de nos apropriarmos de comportamentos humanos a partir de referenciais narrados, de conceitos já apreendidos culturalmente. O que consideramos próprios do “masculino”, como visto, pode ser interpretado a partir dos referenciais discursivos de nossos contextos sociais. Assim, o artigo de Paetcher (2019) busca dar visibilidade para meninos que não performam seu gênero de acordo com a norma social e o fato de serem descritos como femininos representa uma norma discursiva.

Bourdieu (2020) explica essa dinâmica demonstrando que a formação dos conceitos sobre masculinidade surge a partir de uma exigência de dominação do homem em relação ao que é considerado próprio do feminino, afirmando suas premissas e sua caracterização por aquilo que se diferencia do que se considera próprio das mulheres. A narrativa dominante aparece como medida daquilo que os homens precisam se apropriar: “Ser homem, no sentido de vir, implica um dever-ser, uma *virtus*, que se impõe sobre a forma do “é evidente por si

mesma”, sem discussão” (Bourdieu, 2020, p. 87).

O que é “evidente” nesse “dever-ser” masculino pode ser encontrado justamente nas narrativas que permeiam o campo social. Um exemplo claro pode ser encontrado em livros que tratam sobre a educação de meninos e que se tornam *best sellers*, como é o exemplo, estudado por Castellano (2018), da obra “Criando Meninos”, de Steve Biddulph. Acrescento outro livro amplamente divulgado, “Educando Meninos”, de James Dobson (2001).

Ambos se utilizam de um recurso comum, que é a construção de argumentos que pretendem se referenciar em fontes aparentemente científicas, respaldadas por especialistas em educação ou em psicologia da infância. Assim, reforçam crenças a partir do uso da autoridade do especialista ou da ciência. Os livros fazem uso de crenças sobre gênero para direcionar a opinião de pais (público-alvo) sobre a maneira correta de educar seus filhos.

Ainda, as obras reforçam a ideia de que meninos precisam ser educados de acordo com o que os livros concebem sobre o que é “ser menino”. Ou seja, os meninos precisam ser educados de acordo com características previamente determinadas. A influência é representativa, pois ambos visam primeiramente construir uma ideia de ‘menino’ naturalizada e fixa para, depois, orientar os pais a reforçar as mesmas narrativas pela via da educação.

Como visto, é fonte de interesse compreender as dinâmicas das narrativas sobre gênero na formação do Ser. Como toda busca por alguma verdade, parte-se de um referencial e, tal qual propõe o exercício de fazer uma fenomenologia, busca-se “des-ocultar” (Szymanski et al., 2018), isto é, trazer o fenômeno à superfície ou, como afirma Gadamer (2020), arrebatando a verdade da ocultação e do velamento. Interpretar narrativas sobre determinado tema é se propor ao desafio de, através do que é dito, revelar o que não é dito. Neste caso, trata-se de identificar, na narrativa, os sentidos manifestos e as relações destes com os contextos particulares de quem fala.

Mas também o velamento pertence à ação e ao falar próprios dos seres humanos, pois

o discurso humano não transmite apenas a verdade, mas conhece também a aparência, o engano, a simulação. Há um nexo originário, portanto, entre ser verdadeiro e discurso verdadeiro. A desocultação do Ente vem à fala no desvelamento da proposição. (Gadamer, 2020, p. 60)

Considerando que o presente estudo tem como base uma investigação pautada em entrevistas com um número reduzido de participantes, não faz parte do objetivo generalizar os resultados, delimitando o que pais hipoteticamente pensam sobre o que é “ser menino”. No entanto, um estudo qualitativo que possibilita uma abertura para ouvir alguns pais sobre o tema pode contribuir no sentido de demonstrar o quanto essas narrativas são representativas a respeito dos possíveis significados cristalizados sobre o que é “ser menino”, expandindo reflexões sobre de que forma essas crenças se relacionam com a formação dos meninos.

Realizar um exercício de “desocultação”, como propõe Gadamer (2020), é partir de uma perspectiva crítica sobre o que permeia o imaginário do fenômeno em questão, buscando compreender de que maneira as narrativas que sustentam essas crenças se apresentam.

Marco Teórico

A psicologia fenomenológico-hermenêutica, como anunciou Heidegger (2017) nos “Seminários de Zollikon”, representa uma ruptura epistemológica, uma nova compreensão em relação às outras vertentes das ciências psicológicas. Essa ruptura se dá no âmbito da percepção do Ser enquanto Ser-Aí ou Ser-no-Mundo, conceitos que percebem a existência humana como uma expressão permeada de sentidos que se estabelecem no cerne da experiência com o mundo, mas que, sobretudo, revela-se no indivíduo como possibilidade. Isso significa que, para a fenomenologia hermenêutica, o Ser só se desvela em si mesmo. Assim, toda tentativa de generalização sobre o Ser esbarra em seu caráter mais fundamental, que é o de Ser-no-mundo, trazendo a expressão de seu tempo, seus aprendizados, sua linguagem e sua cultura, e possibilitando um horizonte aberto de sentidos.

A pesquisa fenomenológica carrega em seu fundamento o Ser-no-mundo (Heidegger, 2006) como possibilidade de análise e interpretação. Não tem por premissa generalizar conclusões a respeito do fenômeno em questão, mas parte da ideia de que ele pode ser interpretado a partir do olhar de quem o interpreta (Szymanski et al., 2019), isto é, o fenômeno se revelará ao pesquisador através do que permeia o pesquisador, daquilo que o instigou a realizar os questionamentos que o levaram a investigar o fenômeno.

Assim, esse estudo de inspiração fenomenológico-hermenêutica tem por premissa a compreensão do modo como interpretamos a realidade (Breakwell et al., 2010). Caracteriza-se, portanto, como um estudo qualitativo na medida em que tem como fonte de dados o que se mostra a partir do indivíduo – o modo próprio pelo qual o indivíduo compreende e interpreta o seu mundo. É na análise e na interpretação das particularidades, de como o fenômeno se revela ao indivíduo ou de como o indivíduo compreende o fenômeno-tema da pesquisa, que se pretende atingir os objetivos propostos nesse estudo.

Os passos metodológicos exigidos em um estudo de inspiração fenomenológico-hermenêutica também tomam como base a percepção do indivíduo como um ente que compreende (Gadamer, 2017) ou que é “autointerpretante” (Breakwell et al., 2010), o que põe o pesquisador como participante da pesquisa na medida em que, pelas premissas epistemológicas aqui fundamentadas, não é possível nem desejável anular o ponto de vista particular do pesquisador. No entanto, é necessária uma atenção rigorosa aos procedimentos de análise para que o pesquisador seja convocado, no ato de interpretar, a refletir a respeito de suas próprias preconcepções sobre o fenômeno a ser observado e analisado.

Uma pesquisa de inspiração fenomenológico-hermenêutica sugere a dinâmica na qual “os participantes tentam entender seu mundo; e o pesquisador tenta entender os participantes procurando entender seu mundo” (Breakwell et al., 2010). Essa percepção extrai da fenomenologia a ideia de que todo ato de compreender a realidade parte de um referencial que é próprio do ente que compreende. Como base teórica, o pesquisador adota a perspectiva fenomenológica, o que exige a aplicação de um rigor metodológico que busca, sobretudo, extrair, dos sentidos atribuídos, verificados e descritos sobre o fenômeno observado, um sentido de um todo que é a própria interpretação do tema pesquisado.

Os critérios adotados para a interpretação dos dados dessa pesquisa se fundamentam no conceito de “círculo hermenêutico”, como pensado por Gadamer (1960):

A regra hermenêutica, segundo a qual devemos compreender o todo a partir do singular e o singular a partir do todo, provém da retórica antiga e foi transferido, pela hermenêutica moderna, da arte de falar para a arte de compreender. (...) A Antecipação de sentido, que comporta o todo, ganha uma compreensão explícita através do fato de as partes, determinadas pelo todo, determinarem por seu lado este mesmo todo. (p. 72)

Embora esse conceito esteja fundamentado na ideia de que todo ato de compreender possui a dinâmica circular, para critério de pesquisa esse conceito se torna uma postura

mediante a necessidade de uma interpretação que tenha em vista a qualidade da aproximação dos sentidos próprios estabelecidos pelo participante a respeito do tema abordado.

Assim, o pesquisador, consciente de que sua leitura inicial parte de um todo compreensivo (suas noções prévias), precisa criar um movimento de leitura das particularidades (do singular) do que é dito nas narrativas que estiver analisando, para então produzir uma interpretação de um todo compreensivo que esteja em concordância com as particularidades dos discursos: “O critério que cada vez se há de empregar para constatar a justeza da compreensão é a concordância de todas as partes singulares com o todo. A falta dessa concordância significa o fracasso dessa compreensão” (Gadamer, 2020, p. 73).

É necessário tomar o círculo hermenêutico como um conceito que busca sustentar a postura fenomenológico-hermenêutica de compreensão da realidade: a linguagem a partir dessa perspectiva precisa ser vista como um processo de significação fundamentalmente ontológico, ou seja, que considera que os sentidos dados através da palavra estão diretamente relacionados ao Ser, à sua vivência, à sua experiência e à sua relação hermenêutica com o mundo (Fernandes, 2016).

Esse referencial exige, portanto, que toda interpretação parta das particularidades para um todo para que possamos desvelar os sentidos que emergem daquilo que é próprio de quem fala: do ponto onde o Ser expressa o que pensa com base em sua experiência, seus repertórios e sua abertura para a construção dos sentidos que falam de seu mundo.

Objetivos

Objetivo Geral

Conhecer narrativas de pais (homens) de pessoas do sexo masculino sobre o que é “Ser menino”.

Objetivos Específicos

Compreender, a partir da análise das narrativas, o modo como crenças comuns sobre o que é “ser menino” se apresentam.

Refletir sobre o papel das narrativas na difusão de concepções sobre o que é “ser menino” e como essas concepções possivelmente influem na educação que os pais oferecem para seus filhos.

Método

Esse estudo adota como fundamentação teórico-metodológica a Análise Fenomenológica Interpretativa – AFI (Breakwell et al., 2010), por indicar passos coerentes e sistematizados que auxiliam no levantamento e na análise de dados, com vistas a cumprir os objetivos propostos para a dissertação. A AFI tem em seus fundamentos a fenomenologia e a hermenêutica, estando em consonância com as bases teóricas que inspiram o estudo.

Participantes

A AFI recomenda um número adequado de participantes para uma pesquisa qualitativa de base fenomenológica, o que sugere uma análise minuciosa das narrativas apresentadas e exige adequação para que a qualidade da análise esteja de acordo com o tempo disponível para sua realização (Breakwell et al., 2010). Assim, para essa dissertação, trabalhamos com quatro participantes, os quais foram selecionados por conveniência e foi aplicada a técnica *snowball* (bola de neve).

Tendo em vista em aspectos, participaram dessa investigação quatro homens com idades entre 42 e 58 anos, que eram pais de meninos (sexo biológico masculino) com idade entre 0 e 12 anos de idade e residentes da região metropolitana de Campinas, São Paulo. A AFI recomenda um grau de homogeneidade nas características dos participantes (Breakwell et al., 2010), dado que a aleatoriedade de algumas qualidades pode dificultar o processo de análise e interpretação dos dados. No estudo, certo grau de homogeneidade foi garantido pela paternidade de meninos de até 12 anos de idade e por serem moradores da mesma região geográfica.

Procedimentos

Inicialmente, o projeto de pesquisa foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa da

PUC-Campinas e, após sua aprovação, a seleção dos participantes foi realizada. Eles foram selecionados a partir da aplicação da estratégia *snowball* (bola de neve) – a partir de um ou dois contatos interessados, o pesquisador pediu indicações de potenciais participantes (Vinuto, 2014). Assim, o primeiro participante foi indicado por uma enfermeira obstétrica que desenvolvia trabalho de acompanhamento de mães puérperas e pertencia ao ciclo pessoal de relacionamento do pesquisador responsável. Esse participante indicou outro, e assim sucessivamente.

A seleção tomou o cuidado de escolher apenas participantes sem vínculo direto com o pesquisador. A enfermeira não participou do estudo, configurando-se como caso índice para o início da técnica “bola de neve”.

Na coleta de dados, foi realizado um encontro com cada participante no formato de entrevista semiestruturada. Os encontros foram combinados previamente em local e horário a partir da disponibilidade dos participantes. Para situar o participante e estabelecer um bom *rapport*, que favoreceu o aprofundamento e estimulou uma postura reflexiva durante a entrevista, o pesquisador reforçou com cada participante o tema-objetivo da pesquisa. A introdução da entrevista foi exposta ao colaborador da seguinte forma:

Esta pesquisa tem o intuito de ouvir pais e mães de meninos sobre o que pensam a respeito de ser menino, de crescer menino e de como pensam sobre como educar um menino. Não estamos em busca de respostas certas ou erradas, mas sim de ouvi-los na sua maneira própria de pensar sobre esse assunto. Farei algumas perguntas que envolvem o tema e é muito importante que você responda como achar que deve, podendo também fazer perguntas, críticas, comentários sempre que desejar. Considere esta entrevista como uma conversa sobre o assunto entre duas pessoas interessadas.

O roteiro das entrevistas foi memorizado pelo pesquisador de forma a tornar o encontro com características mais fluídas, empáticas e não roteirizadas. Observa-se que as entrevistas

foram realizadas em locais que preservavam o sigilo e a confidencialidade do encontro. O tempo médio das entrevistas foi de aproximadamente 50 minutos e elas foram gravadas e transcritas, totalizando 66 páginas (Word, fonte Times New Roman, espaçamento 1,5). Todas as instruções sobre como o estudo se desenvolveria constavam no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido que cada participante assinou como ato contínuo ao encontro.

Técnica de coleta de dados

A escolha pela entrevista semiestruturada é recorrente em pesquisas qualitativas (Minayo & Costa, 2018), uma vez que visa coletar dados que possam captar os modos subjetivos de como os participantes percebem a realidade ou o fenômeno-tema a ser analisado.

A entrevista semiestruturada:

(...) combina um roteiro com questões previamente formuladas e outras abertas, permitindo ao entrevistador um controle maior sobre o que pretende saber sobre o campo e, ao mesmo tempo, dar espaço a uma reflexão livre e espontânea do entrevistado sobre os tópicos assinalados. (Minayo & Costa, 2018, p. 142)

A entrevista semiestruturada se adequou a esse estudo na medida em que permitiu que o participante discorresse com mais liberdade sobre as questões abordadas. O pesquisador guiou a entrevista com perguntas-chaves para que o tema fosse devidamente abordado, sem risco de distrações. Assim, estabeleceu-se uma relação entre pesquisador e participante, na qual o pesquisador deixou claro o que buscava ao participante e este, por sua vez, fluiu no tema de acordo com seu próprio repertório.

Ao mesmo tempo, o foco interpretativo da AFI implica que o pesquisador adote uma posição de sondagem em relação aos mundos significantes oferecidos pelos participantes. Esse foco dual requer a entrevista semiestruturada para que o estudo de AFI seja conduzido pelos participantes no sentido mais pleno, embora sob o controle

do pesquisador; e para que o pesquisador seja empático, mas, quando necessário, crítico. As duas coisas são necessárias para produzir explicações conceituais e teóricas significativas e úteis do fenômeno sob investigação. (Breakwell et al., 2010, p. 329)

Esse sentido “pleno” se refere ao modo fenomenológico de investigação, que pressupõe a necessidade de uma observação do fenômeno tal qual ele se manifesta, o que exige uma flexibilidade no trato com o colaborador, proporcionando espaço para que ele possa expressar o que sente e pensa a respeito dos temas levantados pelo guia previamente determinado para a condução da entrevista. Como os dados são fundamentalmente linguísticos e, no caso, expressos através da fala, uma interpretação fenomenológico-hermenêutica parte do princípio de que o que é expresso através da língua representa os significados que o sujeito que fala possui sobre o mundo-fenômeno observado:

A linguagem não é somente um dentre muitos dotes atribuídos ao homem que está no mundo, mas serve de base absoluta para que os homens tenham *mundo*, nela se representa *mundo*. Para o homem, o mundo está aí como mundo numa forma como não está para qualquer outro ser vivo que esteja no mundo. Mas esse estar-aí do mundo é constituído pela linguagem. (Gadamer, 2020, p. 571)

Considerando essas percepções, cada entrevista foi conduzida a partir de um roteiro previamente elaborado (Apêndice A), que serviu de guia, e o pesquisador manteve uma escuta atenta e aberta ao que se revelou do participante, fazendo novas inferências e questionamentos que estimularam o participante a se expressar sobre o tema com base em suas próprias vivências. Assim, esse instrumento serviu como um norteador da entrevista, não como um processo rígido e absoluto, pois o pesquisador-entrevistador possibilitou que o participante discorresse livremente a partir de suas próprias reflexões.

Análise de Dados

Como pesquisa de inspiração fenomenológico-hermenêutica e tendo por base as recomendações propostas pela AFI (Breakwell et al., 2010), o estudo seguiu os passos determinados para uma análise de dados, que sustenta uma interpretação que resguarde os objetivos propostos a partir dos referenciais de uma análise fenomenológico-hermenêutica. As etapas seguidas foram:

- Leitura atenta e rigorosa das transcrições das entrevistas;
- Anotação do ponto de vista do pesquisador sobre cada entrevista, situando um primeiro critério de impressão do todo da entrevista;
- Descrição das particularidades do texto das transcrições, que foi realizada mediante levantamento de temas que se demonstraram comuns entre os entrevistados e de suas especificidades, ou seja, daquilo que fez parte, nas narrativas, das experiências particulares de cada participante;
- Para o critério das particularidades e tendo em vista os objetivos propostos nessa pesquisa, foi identificada como possibilidade de análise o que se revelou nas narrativas como uma construção reflexiva de algum conceito, ideia, crença ou interpretação de algum tema abordado. Dado que o formato da entrevista semiestruturada permitiu um espaço livre de expressão para os participantes, foi possível notar que, no decorrer da entrevista, ocorreram medidas de reflexão que colocaram em questão, e por vezes em contradição, falas anteriores sobre determinados assuntos. Para a discussão/interpretação proposta, essa fluidez nas narrativas foi objeto de estudo e análise; e
- Interpretação da totalidade das narrativas, tomando o devido cuidado para que os sentidos dos aspectos particulares estejam em concordância com a compreensão do todo. Essa etapa tem por fundamento o marco teórico da pesquisa que, inspirada na

fenomenologia hermenêutica, busca na interpretação a realização de um “círculo hermenêutico”, postura que exige um rigor no ato de interpretar para garantir um aprofundamento no fenômeno observado, tendo por princípio a necessidade de uma análise prévia das ‘primeiras impressões’ sobre o assunto, imbuídas na leitura do próprio observador e partindo para uma análise das particularidades do fenômeno em questão para abrir uma interpretação mais ampla do todo, que aproxime a sensibilidade do observador para o que está manifesto diretamente no fenômeno observado (Gadamer, 2020). Esse é o sentido da necessidade de uma concordância entre o “todo” e o “específico/particular”.

Questões Éticas

Esse estudo somente se iniciou após a aprovação no Comitê de Ética em Pesquisa da PUC-Campinas. Todas as recomendações da Resolução 610/2016 foram observadas. Os participantes assinaram os Termos de Consentimento Livre e Esclarecido. O processo de pesquisa seguiu o rigor do sigilo, resguardando os participantes de qualquer exposição pública. Os nomes dos participantes foram substituídos por apelidos.

Além disso, considerando os aspectos de uma pesquisa realizada mediante entrevista semiestruturada, que em seu cerne evoca um aprofundamento do tema em questão, o pesquisador tomou o devido cuidado em adotar uma postura de escuta, respeitando o ponto de vista dos participantes e se despidendo de qualquer ação que visasse contrariar ou impor ideias que não estejam em consonância com os valores do participante. Como as perguntas realizadas podiam suscitar reflexões e colocar o participante em uma condição de analisar seus próprios conceitos sobre o tema, o pesquisador se colocou à disposição dos participantes para – se e quando necessário – oferecer acolhimento psicológico.

Resultados

Caso 1: João

João, de 43 anos, era casado e pai de dois meninos de 11 e 06 anos. Sobre a experiência de ser pai de menino, João expressou que desejava ser pai de menina: “Quando veio a notícia que era um menino, eu falei: ‘Putz, e agora?’ Porque eu estava meio que... tinha nome, tinha tudo. E você vai se acostumando com a ideia”.

A “ideia” de como é ser pai de menino é permeada por percepções próprias do que é ser um menino. Logo no início, João expressa que criar meninos “é mais relax. Ao mesmo tempo que é talvez mais bruto, porque a relação que eles estabelecem também tem uma certa brutalidade, principalmente o menorzinho, o mais velho é mais *light*, mais carinhoso, ele tem uma brutalidade, mas ele é carinhoso”. Observa-se, portanto, que João já estabelece uma distinção de gênero, atribuindo o conceito de “brutalidade” ao fato de seus filhos serem meninos. A diferença entre o filho mais velho, ao qual atribui uma personalidade mais carinhosa, e o mais novo permeou toda a entrevista.

João se coloca como um pai preocupado em respeitar o que considera mais característico de seus filhos: “Então eu acho que tem esse negócio de respeitar a individualidade. E tem uma coisa que eu acho que é interessante, é de respeitar o que eles gostam”. E, refletindo sobre o assunto, ele o relaciona com um processo de aprendizado como pai.

E acho que a primeira frustração que eu tive com o meu filho foi que ele odeia futebol, o mais velho. Ele não gosta de futebol. Eu o levei no estádio uma vez e estava no meio do jogo e ele: “Ô, pai, não vai acabar isso aí, não?” E isso para mim não foi fácil, porque você coloca uma expectativa. Nasceu uma criança, você coloca uma expectativa. Você imagina. Eu coloco a expectativa de o que vai ser, como é que vai lidar com as coisas e

tudo mais. Aí chega um menino que não gosta de futebol. E aí, o que você faz? Eu acho que eu aprendi nesse momento a cada vez mais respeitá-lo.

Essa fala exprime um aspecto que, para João, tornou-se importante na relação com o filho mais velho. Ele fala sobre suas expectativas, reconhecendo que imaginava que, enquanto menino, seu filho fosse gostar de futebol. Essa frustração representa uma quebra de expectativa, mas, como conta João, também uma possibilidade de compreender seu filho e, dessa forma, lidar diretamente com sua própria expectativa: “O que nós acabamos aprendendo eu acho que foi respeitar o ritmo e as escolhas de cada um, o que gosta o que não gosta”.

Um ponto focal durante a entrevista foi sobre o comportamento do filho mais velho. O fato de esse menino ter cabelo comprido aparece como um diferencial, um marco de sua personalidade. João discorre sobre o fato pontuando que, apesar do cabelo comprido, seu filho o mantém “bagunçado”, dando um tom que reforça o estereótipo do “bruto”, do “relax”. Segundo relatou, seu filho também “usa pulseirinha, ele usa tornozeleira, ele tem uns anéis, um colarzinho”. Sobre o que pensa a respeito do uso desses acessórios, João coloca:

Eu acho ótimo. Hoje tem muito a questão da homossexualidade, desse negócio de sexualidade, todas as sexualidades que existem. E eu acho que nós precisamos trabalhar um pouco a nossa cabeça. Entender que primeiro isso não são escolhas. Eu não escolho ser homossexual ou não ser homossexual. Alguma coisa acontece, eu não sei explicar o que acontece, mas acontece.

A associação imediata com a homossexualidade demonstra que João relacionou, nesse momento, os acessórios utilizados pelo filho com uma possível orientação sexual, bem como com um aspecto de feminilidade. Essa opinião é ilustrativa e remete a um senso comum, como o conceito de que meninos que não performam seu gênero de acordo com uma norma específica tenderiam a não serem heterossexuais. João fala sobre respeito e aceitação nesse ponto, mas parte de uma premissa que se sustenta somente em um pré-conceito de que meninos que usam

colares, anéis e cabelo comprido são homossexuais.

João, ainda centrado no filho mais velho, descreveu-o como “muito sensível, ele pinta, ele tem uma coisa mais sensível, ele chora mais. Hoje menos. Mas ele é um menino supersensível, ele percebe as coisas no ar, tem uma sensibilidade muito grande”. O pai percebe essa característica como própria do filho, afirmando que é algo “dele”, mas opta por reforçar características que considera como típicas de ser menino: “mas ele tem trejeitos, se pudermos falar, femininos? Não tem. Ele gosta de brincar de coisas de menino, por exemplo. Ele vai lá, ele gosta de jogar Fortnite, ele gosta de jogar videogame”.

Nesse aspecto, percebemos que, na mesma medida em que João atribui a sensibilidade do filho como algo “dele”, busca diferenciá-lo de uma perspectiva que associa sensibilidade a características femininas: ele é sensível, mas não tem “trejeitos femininos”, assim como também gosta de “brincar de coisas de menino”, atribuindo o jogo de videogame como uma prática tipicamente de meninos. Ainda sobre o modo como seu filho brinca, João acrescenta:

Ele não gosta muito do futebol, mas ele gosta do skate, ele gosta de arminha, de brincar de guerra e tal. Ele tem essas brincadeiras e ninguém ensinou ele a ter essas brincadeiras. Ele tem por que ele gosta de brincar disso, mas não tem esses trejeitos femininos. Eu não sei como eu lidaria com isso.

O pai reforça, portanto, que o filho mais velho se interessa por aquilo que considera ser “brincadeira de menino”, incluindo a “arminha” e “brincar de guerra”. João expressa que “ninguém ensinou ele a ter essas brincadeiras”, o que parece demonstrar uma necessidade de afirmar que esse filho gosta de “brincadeira de menino” pela força do desejo dele, não por uma influência externa. Ele gosta disso e não tem trejeitos femininos, diz o pai. E conclui confessando que não saberia como lidar com isso (caso o filho tivesse “trejeitos femininos”). O que podemos considerar é que, na perspectiva desse pai, existe uma correlação entre “ser menino” e orientação sexual, ou seja, performar o que comumente se considera próprio de

menino configura um comportamento heterossexual, enquanto incorporar o que é comumente relacionado ao feminino indicaria uma tendência homossexual.

João, ainda falando sobre como seus filhos brincam, inclui o filho mais novo para fazer um contraponto em relação ao mais velho: “o mais novo é mais da pá virada, o mais novo é mais masculinizado, inclusive, é mais bruto, parte mais para a porrada. Ele não tem... começou, ele vai sair na porrada”. Atribui, portanto, de forma mais específica o modo de ser masculino com brutalidade e violência. Ele conclui: “o mais novinho é mais masculinizado. (...) O mais velho é mais sensível, mas ele é mais calmo”.

Sobre seu filho mais velho, João conta que ele “brinca de escolinha ou brinca de... hoje não mais, eu não o vejo brincando disso, mas já brincou de papai e mamãe, filhinho e tudo mais. Ele sempre era o cachorro, na verdade”. João não afirma que essas brincadeiras são atribuídas às meninas, mas reforça o fato de que seu filho era sempre o “cachorro” nesses momentos. Aqui, também encontramos um argumento velado que justifica a postura do filho diante de uma brincadeira que é comumente atribuída às meninas. Ser o cachorro pode representar um papel coadjuvante e externo à expectativa de que as meninas brincam mais sobre representações domésticas.

Ao comparar os dois filhos, João define características que atribui como masculinas, especialmente ligadas ao comportamento do filho mais novo. O ato de refletir começa a revelar outras possibilidades de elaboração sobre o tema.

Tem uma diferença da maneira como eles foram educados. Isso é fato. Como primeiro filho, nós éramos muito mais cuidadosos com o mais velho. Evitava mais risco, não o deixava testar tanto, ficava mais em cima, resolvia mais as coisas por ele, tudo isso. O mais novo, eu acho que também pela falta de tempo para você dedicar da mesma maneira, você desencana um pouco mais.

Nesse momento João concretiza a possibilidade de pensar a diferença de personalidade

dos filhos não a partir de características “naturais” ou de gênero, mas pela vivência de ambos, que apresentam diferenças importantes. Vê-se a possibilidade de uma reflexão mais aberta a sentidos na forma de uma “serenidade”, como propõe Heidegger, ou seja, a partir de uma linguagem não “proposicional” sobre o ser, mas centrado em seu caráter de “existente” (Ferreira, 2018).

João também conduz seus relatos visando a uma abertura para questões que parecem sensíveis para ele. O que se revela é uma tentativa de compreensão sobre questões típicas de gênero a partir de uma abertura, de uma aceitação de alguns aspectos, mas também ainda permeado por noções comuns que às vezes aparecem de forma contraditória à narrativa.

Ao falar, por exemplo, sobre como seus filhos se relacionam com meninas, João explica que o mais velho naturalmente faz amizade com meninas, mas o contrapõe novamente com o comportamento do filho mais novo: “O que o K. às vezes enfrenta é que ele é bruto com todo mundo, então às vezes ele machuca a menina”. Em seguida, exemplifica um comportamento do filho mais velho: “Ele foi lá e deu uma bica na perna dele. Aí ela falou assim para ele: ‘Você não pode bater em menina’. E ele falou assim: ‘E você não pode bater em menino’. Para ele é igual”.

O filho mais velho parece representar, para o pai, a possibilidade de pensar o que é “ser menino” fora dos estereótipos comuns que ele mesmo reproduz. Ao falar sobre como o filho se comporta na escola, João explica que ele “quebra um pouco toda essa ordem. Não a letra, a letra dele é horrível. Eu acho que talvez isso seja fruto também da maneira como são exigidas as coisas”, considerando que esse filho quebra a “ordem”, ou a opinião de que meninas costumam ser mais disciplinadas nos estudos. Mas João já parte da premissa de que a letra “horrível” do filho é consequência da “maneira como são exigidas as coisas”. Refletindo sobre possíveis razões que expliquem a suposição de que meninas desempenham melhor os estudos que os meninos, João conclui: “eu acho que se espera isso das meninas, que a menina seja bem

arrumadinha, a menina que tem o caderno bem bonitinho, com cores, com letra”.

Embora João estivesse refletindo sobre possíveis causas que possam explicar a formação de determinados comportamentos de meninos e meninas, ele ainda parte da ideia de que seus filhos são como são por algo que é inato, natural, como quando discorre sobre o modo como o mais velho estuda: “Não foi uma coisa que inculcamos na cabeça dele” e “não sei o que aconteceu, veio do gene de alguém de fora, não sei quem que foi parar ali”.

Em algum momento, João retoma a questão da sensibilidade do filho mais velho, agora buscando uma compreensão mais elaborada:

Às vezes eu olhava ele na sensibilidade dele no momento de se relacionar, e eu ficava olhando e falava: "O que será isso?" Porque assim, existe uma coisa que é a naturalidade desse processo. Não é tão natural assim. Ainda não é tão natural e nem sei se vai chegar a ser natural, mas que hoje eu lido mais tranquilo.

A ideia do “natural” parece representar uma compreensão na qual esse pai precisa se apoiar não apenas para compreender os filhos, mas para aceitar quem eles são da maneira como são, em especial o filho de 11 anos. Aqui, o pai novamente retoma o tema da orientação sexual, correlacionando sensibilidade a homossexualidade: “Agora eu acho que o que mais me pegaria se fosse homossexual seria lidar com o sofrimento dele com o preconceito”.

João discorreu longamente sobre sua postura diante da possibilidade de algum de seus filhos ser homossexual. Apresenta uma preocupação, mas se põe no lugar de pai protetor dos filhos: “Olha, nada impede de um dos meus filhos ser homossexual, os dois serem homossexuais, e se você agir dessa forma com ele, nós vamos ter um problema, porque eu não vou tolerar você fazer absolutamente nada em relação a eles”, exemplificando uma conversa que teve com o tio homofóbico.

Mais um exemplo de como João passou a relacionar o modo de ser menino com a vivência, com o existir, aparece quando ele opina sobre a forma com que os meninos expressam

seus sentimentos. Aqui, ele relembra quando era treinador de futebol:

Quando eu estava no futebol com os meninos, que eu tinha os meninos, sim, era muito mais, até porque era uma comunidade carente, então exigia muito mais masculinidade, mais demonstração de força. Eu acho que nesse ambiente, sim. Mas no ambiente que eles vivem hoje, não. Eu acho que o negócio está mudando.

Nesse momento, a “masculinidade” aparece relacionada à “demonstração de força”, o que reforça outros conceitos já expressados por esse pai. Mas ele percebe esse aspecto como influente no fato de esses meninos não expressarem tanto seus sentimentos e vê, “no ambiente em que eles vivem hoje”, referindo-se aos filhos, um espaço mais receptivo à expressão de emoções e sentimentos. Isso é percebido ou avaliado como uma mudança.

Notei que João é um pai que vivencia com seus filhos uma experiência de aprendizado no que se refere fundamentalmente ao modo como pensa sobre questões que envolvem gênero e sexualidade. Logicamente, a entrevista possibilita pensar nesses temas, mas João conduz sua narrativa de forma a criar relações que evidenciam algumas crenças sobre gênero. A vinculação de masculinidade com determinadas características surge mais com a imagem do filho mais novo, de 6 anos, enquanto o mais velho pareceu provocá-lo a ressignificar seus preconceitos por apresentar características que não estão de acordo com essas crenças.

Ao falar de homossexualidade, relacionando com o comportamento de seu filho de 11 anos, que considera mais “sensível”, João externa não somente uma preocupação, mas uma associação que tem por base uma crença fundada na percepção de que determinadas características e comportamentos não fazem parte do que se espera de um menino, o que indicaria uma tendência à homossexualidade, vista apenas como uma sexualidade que apresenta atributos tidos como femininos.

“Ser menino” aparece como uma representação repleta de conflitos e contradições. João expressa com clareza alguns conceitos, mas busca na reflexão uma compreensão mais ampla

dos processos formadores de determinados comportamentos.

Por exemplo, a questão do homossexual, isso eu tenho que discutir e tornar isso mais normal. É normal, não foi escolha, é normal. Eu tenho que discutir sim porque uma mulher ganha menos que um homem dentro de uma empresa, se eles desempenham o mesmo papel. Eu tenho que discutir sim porque eu tenho um número tão grande de feminicídios, isso eu tenho que discutir. São problemas gerados por toda essa outra parte. Mas eu não sei se eu preciso ter um tema de masculinidade, até porque já existe tanto isso na sociedade.

Caso 2: Miguel

Miguel, de 42 anos, era engenheiro mecânico, casado e pai de um menino de 11 anos e de uma menina de 9. Ele mencionou que acha um “desafio” ser pai de menino “principalmente porque você tem que separar o que é a sua expectativa do que você gostaria de ser do que ele tem que ser (...), mas o menino eu acho que ele é mais cobrado por ter talvez o espelho do pai como referência”. Miguel, então, já anuncia uma primeira percepção fundamental sobre a formação de meninos: ser espelho do pai. Mas como é esse pai ou o que ele representa? Ele ainda afirma que “com filha é um pouco diferente porque você talvez tenha uma conexão diferente”. Ainda nesse “espelho”: “ele entende mais o meu lado, nós conseguimos ter essa conexão de homem. Então nós gostamos de futebol, gostamos de esporte, gostamos de fazer coisas juntos”.

Com clareza, observa-se uma relação entre ser homem e praticar esporte, gostar de futebol. Para esse pai, fazer do filho seu espelho também representa uma diferença na educação de seus filhos: “Com a minha filha eu sou mais flexível, enquanto com meu filho eu sou mais rígido”. E explica: “tem, eu não digo uma expectativa maior, mas assim, ele é mais cobrado por coisas que eu sei fazer. Então eu imagino que ele deveria fazer também”. Miguel, com objetividade, demonstra que educa seu filho para fazer o que ele, pai, sabe fazer.

Miguel expôs que desde pequeno nutriu muitas expectativas sobre seu filho. Queria que ele fosse campeão de tênis, por exemplo, e lembra que reproduzia o comportamento de seu próprio pai, mas vê, nesse momento, que a experiência de moldar o filho a ser o “espelho do pai” demonstrou outra faceta: “eu forcei muito já situações e aí agora hoje eu já vejo que não faz mais sentido, porque eu perdi um pouco dessa conexão com ele”.

Os fatos narrados por Miguel demonstram a importância que ele atribuiu à transmissão de valores de pai para filho. A ideia de “espelho do pai” também reflete a narrativa que ele expôs sobre sua própria criação. Fica claro que, embora rejeite que o filho tenha que passar

pelas mesmas coisas que ele passou, os valores que ele aprendeu com o pai, avô de seu filho, perduram na sua percepção de como criar seus filhos. Miguel explica que foi criado por pais e avôs conservadores, assim como sua esposa. O valor da tradição dá o tom claro e simples ao falar dos filhos, sempre pautado no modo como os educa. Miguel exemplifica essa diferença sobre como conduz as escolhas pessoais de cada filho:

O negócio dela é dança. Ela adora dança, música. Então assim, ela está encontrando um caminho legal nisso aí. E eu estou incentivando. E aí ela vai buscando. Ela vai puxando. Aí o P. é mais assim: ‘eu gostaria que você fizesse tênis, cara’, ‘então eu vou fazer. Mas vou fazer porque você está pedindo’. Ele não fala isso, mas ele faz por causa disso.

Enquanto a filha recebe incentivos de acordo com seus gostos, o filho parece ser mais direcionado, geralmente acatando a vontade do pai. Esse tipo de fala reverbera no que Miguel falou sobre uma maior rigidez na educação do filho, colocada pela expressão de suas exigências, que recaem mais de acordo com as expectativas de formar o filho a partir de seus próprios interesses.

É difícil uma brincadeira que é só de menino. Jogar futebol. É um esporte. Aí eu já vejo que é um esporte e é diferente de uma brincadeira. Mas assim, eu não concordaria em ver o meu filho brincando de maquiagem como a minha filha brinca, com coisinhas de desenho de... No momento que eles estão brincando de desenhar, ele está desenhando coisas que ele curte e o que ela gosta.

Ele explicou também que seu filho interage bem com meninas, mas com “brincadeiras de movimento”. Seguindo uma lógica mais tradicional, ele expressa que não deixaria seu filho fazer brincadeiras que, como crê, são para meninas: “Agora se fosse o caso dele ter interesse em brincar com boneca, essas coisas, talvez eu fosse, hoje eu, talvez eu fosse interferir”.

Miguel demonstrou incômodo sobre o fato de o filho não ter cumprido com suas expectativas em relação aos esportes e falou sobre a interação com o videogame como algo

externo ao que procurou transmitir para o filho, algo mais próprio da geração atual.

Eu acho que tem uma tendência. Agora o motivo disso eu não faço a menor ideia. Eu acho que assim, olhando o caso do Pedro, ele sempre trouxe os jogos que ele queria jogar. Ele vinha e dizia: ‘pai, quero jogar esse aqui’. Começou muito eu incentivando, obviamente, eu comecei com o esporte no futebol lá no videogame que nós podíamos jogar juntos.

As opiniões que ele expressou sobre gênero e “ser menino” estão bem marcadas pela tradição que experimentou em sua formação, fato que parece deixá-lo confortável, não o direcionando para uma reflexão maior ou para a produção de questionamentos sobre o tema.

Miguel defendeu que meninos devem chorar. Como expôs, “É a expressão mais pura de um sentimento”. Ele não considera o choro como sinal de fraqueza, mas relacionou outra expressão possível de ser considerada como fraqueza: a sensibilidade. O sensível aparece como alguém que não suporta adversidades. Para Miguel, crianças “precisam ser expostas a situações para que elas também saibam como elas vão reagir e como elas vão entender os sentimentos que vão surgir baseados nessa exposição segura”. Ele concluiu dizendo que pais superprotetores criam crianças sensíveis, no sentido de demonstrarem “fraqueza”. Sobre posturas consideradas delicadas e/ou sensíveis em meninos, Miguel discorreu:

É bastante tênue a linha que separa o delicado de uma postura delicada. Eu acho que é assim. Eu foco muito no respeito. Existe a forma de respeito e a forma de talvez ultrapassar um pouco a linha. E aí eu volto um pouco no que é o bombardeio da mídia e quando assim... Hoje em dia é muito comum nós temos que achar certas pessoas do mesmo sexo se beijando.

A separação entre o “delicado” e uma “postura delicada” desvela, nesse caso, uma opinião sobre a homossexualidade. Portanto, existe, para Miguel, uma relação entre ser “delicado” e ser homossexual, como fica claro no desconforto expressado através daquilo que

ele considera como “respeito” e o que “ultrapassa um pouco a linha”. Nessa fala, a clareza e a objetividade até então vistas são diluídas em uma fala confusa que mistura o tema “delicadeza” com mídia e duas pessoas do mesmo sexo se beijando. Miguel falou sobre a influência da mídia, que, segundo ele, incentiva crianças a determinadas práticas e conclui com o que considera ideal:

Assim como eu não supervalorizo o machismo, dizer assim: ‘tem que chegar chutando a porta’. Não supervalorizo isso, acho errado. Também não vou supervalorizar o outro lado que é você trazer alguma coisa mais feminina em um menino. Então eu acho que é assim. O bom senso e o equilíbrio. Esse é o meu ponto.

Miguel expôs uma visão absoluta daquilo que ele considera masculino e feminino que, no contexto dessa fala, também está associada à orientação sexual. O que é atribuído ao feminino, portanto, indica, para os meninos, uma orientação não heterossexual. Essa fala está em concordância com as demais opiniões expressas por Miguel. Para ele, meninos e meninas demonstram agressividade de maneira diferente: meninos usam mais o corpo, enquanto meninas a palavra. Para Miguel, essa diferença é estabelecida no modo como meninos e meninas são educados.

Eu acho que nós ensinamos um pouco assim. Eu acho que esse menino você ensina: ‘se não resolver você dá um empurrão: e aí? Qual o problema?’. É mais fácil ultrapassar o limite. Você ensina isso. Você diz: ‘você tem que se posicionar de alguma forma. Se você levou ou encontrão no futebol você tem que: e aí meu? Por que está fazendo isso?’. A menina não. A menina você já tem que ensiná-la. Não é ensinar. Você tende a mostrar para ela que o caminho da agressão nunca vai ser o caminho mais... porque ela está ali para ser protegida. E o menino serve para proteger.

A causalidade é estabelecida por um valor que se mostra absoluto para Miguel. Essa diferença na educação se dá pelo papel social que meninos e meninas devem desempenhar. O

menino é o protetor, enquanto a menina é a protegida.

Miguel apresenta uma narrativa que sustenta valores delimitados sobre o que é “ser menino”, apoiando-se na ideia de que é através da educação e da formação que o menino desenvolve seu modo de ser, que, para Miguel, preferencialmente deve atender determinados parâmetros. Isso fica evidente quando ele fala da homossexualidade, afirmando que “para os pais que recebem isso de alguma forma como uma surpresa, é porque falharam no caminho. Falharam ao longo do processo. Porque você percebe isso”. E, embora procure uma aceitação caso o filho venha a ser homossexual, compreende que, educando, poderá direcionar os desejos do filho: “obviamente, que eu tento influenciado das formas como eu gosto. Então eu tento mostrar a ele a relação entre homem e mulher, o que me motivou a ficar com a mãe dele, as relações que nós temos, como é legal isso”.

Essa postura mais conservadora, a qual possui um conjunto de valores estabelecidos no imaginário de Miguel sobre como deve ser o ideal na formação de um menino, revela-se na maneira como ele interpreta algumas formas de expressão.

Só que nós vamos em qualquer lugar e aí vê lá as pessoas vestidas às vezes com roupas muito diferentes, que é justamente para chamar atenção. E aí às vezes até mesmo assim a pessoa talvez não teve um suporte, não teve uma base boa de crescimento, talvez ela vá precisar se agarrar em alguma coisa para se esconder ou mesmo para chamar, para demonstrar: ‘eu estou aqui’.

Compreende-se nessa fala que tudo o que não é reconhecido dentro do conjunto de valores de Miguel é consequência de equívocos no processo de formação. É na educação que se estabelece como um menino e uma menina expressam seus modos de ser, mas, para Miguel, o que é correto está bem estabelecido.

Caso 3: Gabriel

Gabriel, de 48 anos, é casado, advogado e pai de dois meninos de 11 e 02 anos. Os filhos foram adotados ainda bebês, com um hiato de alguns anos entre eles. O pai relatou sua experiência com a adoção, narrando que, em um primeiro momento, precisou lidar com questões envolvidas com a própria decisão de adotar, principalmente no que se refere à aceitação por parte de seus familiares pelo fato de as crianças serem negras: “A minha mãe sempre teve um pouco de preconceito, a minha sogra também. Então nós não sabíamos como que ia ser quando ele chegou”.

Gabriel também explicou que ele e sua esposa não tinham preferência em adotar menino ou menina. Na primeira fala específica sobre sua experiência de ser pai de menino, relata:

(...) o menino é mais parceirão do pai. Às vezes, o pai gosta de futebol, de alguma coisa mais... de lutinha. Então eu acho que é mais fácil ter uma afinidade maior na convivência do que com uma menina. Dá-me essa impressão. Porque a menina é mais delicada, geralmente é mais cheia de frufuzinho. Mesmo a parte de vestir. Tem mais opções. É diferente. Eu penso que é bem diferente. Eu como pai, eu acho que ter um menino é mais fácil de eu me relacionar com ele, de ter mais identidade com ele, do que com uma menina. Até essa coisa do pipi. Eu acho que é mais fácil de limpar. Nós temos uma identidade pelo próprio sexo.

Gabriel revelou um conceito permeado pelo que ele chama de “identidade”, que perpassa a ideia de que meninos podem se identificar com os gostos do pai, como o “futebol” e a “lutinha”. Ao diferenciar meninos de meninas, conclui que meninas são “delicadas”, comentário que também expressa a ideia de incompatibilidade entre delicadeza e o modo de ser dos meninos. Quando utilizou a expressão “frufuzinho”, ele enfatizou um imaginário que vê o contexto das meninas de maneira estereotipada. A partir dessa perspectiva, Gabriel afirmou que é mais fácil para o pai se identificar com o filho, que, segundo o entrevistado,

manifestaria desejos e comportamentos semelhantes aos do pai.

Na expectativa desse pai, é mais fácil estabelecer vínculo com um filho menino. Contudo, ao relatar sua experiência de fato com o filho, Gabriel apresentou outra realidade: “Eu não me sinto muito próximo do meu filho. Eu estou sempre trabalhando”. Explicou que, além da ausência por conta do trabalho, acaba agindo de forma autoritária, o que influenciou no fato de o filho não estar tão próximo dele: “Como eu sou muito organizado, ele é bagunceiro. Então eu chamo muito a atenção dele. Então, às vezes, ele se queixa disso, de que dá muita bronca”. Contou também que “ele gosta de fazer as coisas dele, de ficar no jogo dele, de ficar no computador. Então, às vezes, você fala: ‘vamos jogar bola?’ Ele não quer ir”.

Gabriel expressou um pensamento comum, imaginado e repleto de expectativas e crenças sobre como é ser um menino e como é ser pai de um menino, as quais ganham um tom de frustração justamente pelo fato de o filho não corresponder às suas expectativas e não ter estabelecido um vínculo com o pai pela via do “futebol” ou da “lutinha”. Como Gabriel explica, seu filho prefere “videogame, vídeo no Youtube e computador, jogo on-line” e apresenta uma personalidade mais introspectiva: “mas ele não é muito social também. Ele é um menino muito tímido”. Perguntado diretamente sobre o que é “ser menino”, Gabriel discorre:

Nós temos uma sociedade um pouco machista. Então você associa o menino com aquela coisa mais de força, de brincadeiras mais pesadas, de lutinha. Associa com a ideia do masculino. Eu não sei. Eu associo assim, com a ideia do masculino. Então para mim, ser menino implica nessas características. Nessa idade, se relacionar mais com menino. Ter mais amizade com menino. Isolar um pouco as meninas.

Essa fala corrobora o que Gabriel expressou inicialmente a respeito de suas expectativas sobre ser pai de menino. A associação aqui é clara entre ser menino e o masculino, que, por sua vez, está relacionado a uma “coisa mais de força, de brincadeiras mais pesadas, de lutinha”, o que não parece ser o caso do seu filho, segundo o relato. Gabriel também falou sobre o tema,

refletindo sobre orientação sexual e homossexualidade:

Eu procuro lidar com essa ideia também, de que hoje a sexualidade é mais fluida. Eles escolhem mais. Mas eu confesso, eu reconheço que isso me preocupa um pouco. Eu não gostaria... eu não tenho preconceito com homossexual, eu acho que o amor é o que importa. Mas eu gostaria que o meu filho não fosse, porque eu acho que isso é um sofrimento a mais para ele lidar com isso, com as pessoas.

Ao relacionar “ser menino” com sexualidade, Gabriel expressa uma ideia corrente e atual sobre “sexualidade mais fluida” e escolhas, mas, sem se aprofundar no tema, confessa sua preocupação pela hipótese de o filho ser homossexual por conta do preconceito. A associação do modo de ser menino com a sexualidade é sutil e velada em seus significados, mas expressa uma ideia de que a norma regida pelo imaginário do que é ser menino está relacionada à formação da sexualidade da criança. Gabriel também comenta que não vê seu filho diferente das normas do que ele considera ser menino, mas o fez com o seguinte exemplo:

Até tem um caso lá de um amiguinho dele, o Miguel. Com oito anos, passou a ser Mirela. Então nós víamos que desde criança, ele tinha um comportamento meio afeminado. Gostava de se vestir de mulher. Ia numa festa à fantasia, ele sempre se vestia de mulher.

Vemos uma delimitação a partir de um exemplo vivido e que, para esse pai, representou uma diferenciação, já que a criança citada exemplifica um comportamento marcadamente não masculino. Gabriel delimita a partir dessa referência e justifica:

Ele sempre teve características bem marcadas, masculinas. De gostar de futebol, de querer brincar só com os meninos. Ir numa festa e, às vezes, comentar: ‘vai ter muita menina?’ Então, ele teve sempre essa característica bem marcante do que se espera dentro de uma normalidade do masculino. Então nós brincamos, às vezes. É até errado. Você tem consciência. Mas você fala: a namoradinha. Começa a falar: você gosta de

alguma menina? Ou então faz alguma brincadeirinha machista. Às vezes, faz até sem perceber. É isso. Mas ele está dentro dessa expectativa.

O que o pai descreveu foi comportamentos tipicamente estereotipados que se diferem um pouco da descrição anterior, quando relatava sua experiência enquanto pai de seu filho. De um menino tímido, caseiro e que gosta de jogar videogame, Gabriel passou a descrever um menino de 11 anos que vai em festas, pergunta sobre meninas e se envolve com o pai em “brincadeirinha machista”. Com isso, a conclusão é específica: “está dentro dessa expectativa”, o que indica uma percepção delimitada de como um menino costuma se comportar no imaginário desse pai.

Gabriel também relatou o que pensa caso, hipoteticamente, tivesse sido ou venha a ser pai de uma menina e afirmou que, nessa condição, buscaria compreender melhor o “universo feminino”, para ele marcadamente diferente do masculino.

Eu gostaria de ter passado por essa experiência, para poder até ter um comparativo. Mas até na minha conversa com a minha esposa, nós falamos sobre isso. Ela fala: ‘eu queria ter uma menina para enfeitar. Para pôr roupa assim. Para ter maquiagem. Para ter alguma coisa mais delicada. Para ter mais boneca’. Então eu acho que seria uma experiência diferente, com as suas diferenças.

Parafraseando a esposa, Gabriel exemplifica uma situação cotidiana que permeia o imaginário de como exercer a paternidade e a maternidade diante de uma criança menino ou menina. Nesse momento, novamente aparece o diferencial da delicadeza atribuído às meninas. Sobre os meninos, Gabriel acrescenta:

Eu acho que menino é um pouco mais agitado. Dá-me a impressão. Nós temos casais amigos que têm menina. Nós observamos. O menino parece que é mais agitado, mais ativo. E a menina tem esse comportamento mais tranquilo, mais delicado mesmo. Eu acho que existe. Não sei. Parece-me que o menino tem mais agressividade. E ele

extrapola isso de uma maneira mais evidente. Ele demonstra mais isso. Dá-me a impressão que a menina é um pouco mais contida.

O que chama a atenção nesse fragmento é o fato de que Gabriel trouxe uma observação sobre o contato com outros filhos meninos e meninas, chegando à conclusão de que meninos detêm essas características, diferenciando-se do comportamento das meninas, mas sem relacioná-los com apontamentos que esse pai fez e que se refere ao modo como, em sua concepção, meninos e meninas são educados: “Eu acho que um pouco é da natureza. Menino me parece que tem essa natureza mais agitada, mais ativo”. Sustentando uma possibilidade mais reflexiva, ele associa o comportamento agitado do filho ao modo como o educa:

Eu percebo que essa pressão que nós fazemos nele um pouco, isso favorece a esse... porque nós vemos que esse comportamento agitado é uma forma dele extravasar também, essa pressão que nós lhe fazemos, para que ele se comporte bem, para que ele tenha bons resultados na escola. Então, às vezes, essa é uma forma de extravasar.

Foi possível compreender que Gabriel percebia o “ser menino” de acordo com determinadas características naturalizadas, mas que buscava, ainda que inicialmente, associar as experiências do filho e o modo como educa esse filho com a formação de sua personalidade.

Caso 4: Davi

Davi, de 58 anos, era empresário, divorciado e pai de um menino de 12 anos e de uma mulher de 33. Para ele, ser pai de menino é “uma coisa assim, talvez, mais em relação às meninas. Nós acabamos nos espelhando um pouco. Projeta uma coisa. Talvez, as coisas que você não conseguiu ter sido”. Davi era um pai que, como contou, teve uma educação mais clássica, com aprofundamentos em filosofia e literatura. Sua narrativa foi permeada por reflexões. Pensando sobre o que “projeta” no filho, passou a discorrer sobre o modo como o educa, percebendo que, mesmo que tenha transmitido para o filho seu gosto, por exemplo, por automobilismo, procura se “policiar” para não o pressionar a ser como ele gostaria que fosse.

Sobre a diferença para a educação de sua filha, Davi pontuou que existe uma diferença geracional por conta da distância de idade entre os dois, mas afirma que:

Tem uma palavra alemã, “zeitgeist”. É o espírito do tempo. Como eles têm uma defasagem de idade grande, eu não vejo assim. As dificuldades são as mesmas. Talvez os meninos – eu acho isso – têm uma necessidade de se firmar mais. De mostrar: eu sou machão. Eu bebo. Eu brigo. É uma coisa que pulsa. Você não consegue controlar em meninos. Eu acho que a tendência para a violência já é mais pulsante. Alguns graus excessivos, outros, talvez não.

Afirmou, portanto, que meninos possuem uma tendência de se “firmar mais”, algo associado ao comportamento mais violento de “sou machão” e “eu brigo”. Quando expressa que “você não consegue controlar” essa característica em meninos, podemos compreender tanto uma delimitação de um espaço e um modo de ser exclusivamente masculinos, como também uma diferenciação de uma medida de “controle” que talvez possa ser atribuída às meninas, enquanto nos meninos existe um espaço mais natural para a forma de se expressar.

Ao falar sobre a diferença geracional, Davi pontuou o celular como um aspecto central. Considerava que seu filho já estava imerso em uma atividade cotidiana com o celular que sua

filha não estava e vê nesse comportamento a impossibilidade de desenvolver qualquer aprendizado mais aprofundado.

A informação está na mão, mas não usa. Não usa. Não tem aquele desejo da informação. Justamente, porque ela está na mão. Para que eu preciso ter informação, se ela está aqui na mão? Eu acho que dos malefícios que foram introduzidos em função do avanço tecnológico, essa é uma cunha que realmente vai dar ramificações que nós não sabemos onde vai parar isso aí.

Davi considera que, para os meninos, pela sua característica mais impulsiva, é mais difícil moderar o uso do celular.

Porque você não vai procurar o novo, quando você já tem uma coisa que você já está lá, sossegadinho, no seu canto. Todo novo requer um salto no escuro. Ou um voo cego. Então também fica difícil por um fato: você está indo contra uma coisa que está trazendo prazer e não está sentindo o malefício.

No contexto de sua narrativa, é preciso considerar que Davi está partindo de uma percepção de que o uso das tecnologias exacerba esse comportamento, para ele mais tipicamente masculino. O “novo” pode estar relacionado a uma outra possibilidade de vivenciar o que ele define como um “aprofundamento” no aprendizado. O que fica, portanto, é o exacerbamento do comportamento relacionado à agressividade e à impulsividade.

O exemplo que ele oferece é sobre um jogo de videogame que o filho gostava, que tem como tema as guerras: “Outro dia, eu perguntei para o Gabriel: ‘Por que você tem “skin” – do Fortnite – por que o “skin” de vocês é sempre mulher?’ Ele falou: ‘porque as mulheres são mais magras. É mais difícil de você ser atingido’”. Ou seja, a opção do filho era meramente técnica, não envolvendo sentimento. O que está em jogo é o desempenho e a eficiência da violência, não uma identificação com o que representa o gênero.

Davi explicou que esse comportamento é reforçado por características que considera

próprias do masculino: “além de eles terem isso já com eles, sempre competitivos, sempre aquela coisa lá de uma violência ancestral. Isso, além de tudo, é muito incentivado, com detalhes assim, que eu fico estarecido”. Portanto, define-se como próprio do “ser menino”, na perspectiva desse pai, a competitividade e a violência, que é reforçada pelos mecanismos oferecidos nos utensílios tecnológicos mais próprios da geração de seu filho mais novo.

Os argumentos de Davi permeiam uma concepção de educação que provavelmente se formou a partir de seus próprios estudos. Ele enxerga características naturais tipicamente próprias do sexo masculino e não parece considerar que elas devam ser reforçadas, mas moldadas a partir da educação. Discorre, por exemplo, sobre a falta de ritos que oferecem a possibilidade de o jovem amadurecer:

Então, um dos problemas que eu acho do mundo de hoje é assim: não existem mais ritos de passagem. Então para a pessoa, fica muito difícil se localizar no tempo. E ele não tem outras referências também. Então: você vai usar calça curta até 14 anos de idade. E depois dos 14? Você vai usar calça comprida.

Davi discorreu sobre o assunto citando o filme “Capitão Fantástico” (Ross, 2016):

Eles vivem no meio do mato. Eles leem Dostoiévski. Você fala: é um negócio meio... Porque assim, no meu entendimento Rafael, é bem aquela coisa sobre a formação do homem grego, dos meninos gregos. Antes você vai aprender isso. E aquilo lá? Aquilo lá é depois. Você vai chegar lá. Mas antes você vai ter que saber isso.

Isso reforça a perspectiva centrada em uma educação que, por princípio, busca moldar o que é mais pulsional e instintivo para o desenvolvimento de uma capacidade intelectual que permite o contato com o pensamento acadêmico e com o amadurecimento da própria personalidade.

Esse modo de compreender a razão provavelmente influi também na forma como Davi argumenta a respeito das diferenças de ter educado sua filha e, agora, seu filho. Embora tenha

pontuado que vê características inerentes nos meninos, procura diferenciar seu filho e sua filha pelas questões que envolvem os efeitos do tempo, a cultura, os utensílios de cada época e seus impactos na formação dos filhos. Para Davi, sua filha teve oportunidades de interação social que seu filho não tem:

Eu acho que outra grande perda deles, além de formação. É a socialização entre eles mesmos. Dialogar mais, ao invés de você ter certezas. Você ficar dentro da sua bolha. E ter decepção. Saber que a vida tem decepções também. Você tem que lidar com aquilo. Então, lidar com a perda. Eles não sabem lidar com a perda. O meu filho, principalmente. É uma coisa assim: eu não sei lidar com a perda.

Davi parte da premissa de que o comportamento do filho possui características típicas de uma geração, não necessariamente relacionado ao gênero: “uma criança que vai dentro do carro vendo ou o celular ou o vídeo no banco, ela não está vendo a paisagem”. Contudo, apresenta também diferenciações típicas que parecem caracterizar tendências específicas de meninos e meninas:

As mulheres têm uma característica que é delas. Nós temos uma característica que é do masculino. E tem alguns contrapontos que são característicos dessas relações. Uma mulher, por exemplo: ela consegue conversar numa mesa com 10 mulheres, todas elas falando assuntos diferentes. Mas todas elas estão ligadas no mesmo assunto de todas elas. Nós já não temos essa facilidade. Então, na sexualidade, a minha opinião é a seguinte, ele fala: eu não consigo lidar com mulher.

Nesse ponto, Davi discorre sobre características que, para ele, são naturais de cada gênero e se baseia nesse conceito para refletir sobre homossexualidade:

Justamente por falta de sociabilidade, você acaba não conversando sobre coisas que você gostaria, do parceiro, para não ter encheção de saco. Então é melhor você se relacionar com um que você já sabe que é a mesma coisa. Eu gosto disso, eu não gosto

de conversar muito. Porque ele é igual. São características inerentes. Então, eu acho que um dos motivos da sexualidade, da questão de gênero.

O que se pode compreender desse fragmento é que Davi faz uma relação direta com aquilo que problematiza sobre relações sociais presentes na geração de seu filho e a formação da sexualidade, que se revela, no caso da homossexualidade, como uma falta de compreensão do diferente. Esse argumento marca de forma mais absoluta a ideia de diferenças naturais, próprias de cada sexo.

No campo da reflexão, Davi pareceu pender, por um lado, para uma delimitação clara daquilo que considera tipicamente masculino ou feminino e, por outro, elabora mais, quando estimulado, questões que possuem um teor de análise mais fundamentado em aspectos históricas e culturais. Sobre as mulheres, Davi estabelece que:

São seres complexos. Muito complexos. Então, se você não consegue ter uma leitura do que ela anseia. Porque, às vezes, as mulheres não externalizam. Elas ficam esperando que nós tenhamos uma atitude. E, às vezes, nós não estamos nem aí. Basta falar do cabelo. Você não viu que eu cortei o cabelo? Então, homem não tem isso aí. É mais assim: ‘cortei o cabelo. Não fiquei bem’. Chega em casa: “como foi seu dia?” “Foi legal.” Pronto. Para nós, a resposta está posta.

Davi tinha uma percepção bastante comum de que as mulheres possuem uma complexidade e uma profundidade, enquanto os homens, mais objetividade. O senso comum presente deu lugar a uma reflexão sobre a relação causal histórica para certas determinações:

Eu acho que trazendo um pouco para o âmbito histórico é assim: elas sempre foram colocadas de lado. Sempre muito podadas nas ações, no decorrer da história. Então, eu acho que acaba criando uma coisa meio psicológica, que qualquer mudança para elas pode ser bem-vinda. Entendeu Rafael? Já está ruim assim. Então eu vou encampar isso aí. Porque pode ser que melhore para mim. Os homens no decorrer da história, sempre

foram os senhores de todas as coisas. Ele diz: ‘vou pegar minha filha, vou te dar de presente para casar, para nós juntarmos o reino e tudo’.

Sobre o caráter possessivo do homem nos relacionamentos, o entrevistado atribuiu essa característica a fatores culturais. Ficou evidente que, nesses relatos, dos quais busca dar sentido à dinâmica dos desejos sexuais entre os sexos, Davi revelava que, em sua concepção, vivemos um desequilíbrio entre o masculino e o feminino, atravessado por questões históricas e culturais, mas que sobretudo, em sua visão, parece desvirtuar o que fica evidente em sua narrativa: a natureza própria de ambos os sexos. No caso dos homens e dos meninos, Davi, mesmo com toda a elocubração e a tentativa de construir um pensamento mais reflexivo, conserva em seu modo de pensar as características que parecem ser comumente atribuídas aos meninos: a agressividade, a impulsividade, a possessividade, o poder, o controle e a objetividade.

Interpretação geral

Comparando as narrativas, percebemos que o tema em questão (ser menino para pais) foi abordado pelos participantes a partir de informações explícitas sobre fatores pessoais, status socioeconômico e escolaridade, entre outros. Suas experiências vividas com os filhos transmitiram informações sobre variáveis significativas que compõem a paternidade. As respostas dos participantes também apontaram para uma ampla gama de comportamentos daquilo que se espera dos meninos (como agressividade, impulsividade e tipos de brincadeiras).

As coisas que afetaram positivamente a paternidade dos meninos foram a aceitação da singularidade, o apoio às escolhas pessoais, a assistência e o cuidado materiais, o sentimento de pertencimento à família, o canal aberto para comunicação e o compartilhamento de problemas. Ao mesmo tempo, os participantes desse estudo compreendem e admitem dificuldades relacionadas à criação ou ao exercício da paternidade de meninos na atualidade. Os pais reconhecem, normalizam e atribuem as dificuldades à própria história de vida e à maneira como foram formados dentro de uma sociedade machista. Foram expressas as expectativas que tiveram sobre eles e que eles, em alguma medida, também possuem sobre seus filhos.

A vivência de uma masculinidade divergente das expectativas sociais tem um impacto dramático na avaliação dos participantes sobre os filhos. O desempenhar de papéis ou as expectativas de gênero na sociedade podem criar desequilíbrios emocionais e os participantes se preocupam com potenciais sofrimentos dos filhos caso eles divergissem daquilo que é esperado em termos de masculinidade.

A necessidade de cumprir responsabilidades como pais também afetou as reflexões dos participantes sobre a paternidade dos meninos. Essas responsabilidades muitas vezes possuem raízes nas expectativas de gênero e em como a performance masculina deve acontecer no contexto social.

Os participantes também reconheceram as mudanças sociais e como ser menino hoje é diferente da vivência que eles tiveram na infância ou na adolescência, por exemplo. Os pais também refletiram sobre meios/recursos intrínsecos e extrínsecos que utilizam para lidar com as dificuldades da paternidade dos meninos.

Outro tema geral que emergiu das narrativas está relacionado à internalização de padrões sociais e da aceitação social. Nesse sentido, em muitos momentos os participantes parecem se referir a um esforço para preparem seus filhos para serem “saudáveis” e produtivos. Há desejos inerentes pela independência dos filhos e isso é diferente quando os participantes se referem às filhas mulheres.

A aceitação de mudanças de identidade do masculino também apareceu em algumas narrativas. Os participantes geralmente consideraram esse tema como sendo o mais difícil e o mais importante para readquirir o sentido de uma ‘vida plena’ e a manutenção da dignidade. Isso é importante quando pensam nas vivências dos seus filhos. Os pais também descreveram possíveis processos de aceitação ou de resistência caso os filhos sejam homossexuais, por exemplo.

Há um esforço para romper com as lógicas criadas em outras gerações sobre ser menino e para promover ajustes necessários à paternidade na contemporaneidade. Apesar de mencionarem dificuldades relacionadas à paternidade de meninos (aspecto que pode ser relacionado ao processo de identificação pai-filho), também foram relatados benefícios, como a experiência compartilhada e o sentimento de alto nível de conexão com os filhos.

Discussão

Para o pensamento fenomenológico-hermenêutico, a questão do Ser permeia o reconhecimento de sua constituição como “Ser-no-mundo” (Heidegger, 2006). A ideia central desse conceito permite que o olhar fenomenológico sobre a vida humana se debruce sobre o fato de que aquilo que somos se dá em relação com o mundo e com os outros. Assim, consideramos a existência de uma historicidade, onde compreendemos que a formação do Ser é atravessada por modos, costumes, linguagens conceitos que perfazem a nossa experiência mundana (Gadamer, 2020).

No cerne da fenomenologia e na originalidade de sua proposta, vemo-nos diante da tarefa de interpretar o mundo a partir daquilo que nos constitui, pois também somos Ser-no-mundo e estamos diante de nós mesmos e de nosso modo próprio de sermos instigados e inquietados pelas questões que nos movimentam. A filósofa Hannah Arendt (2022) expôs que “a necessidade da razão não é inspirada pela busca da verdade, mas pela busca do significado” (p. 35).

A busca do significado pois, sobretudo a partir de nós mesmos, só é possível se atribuirmos significado para às coisas a partir delas mesmas: “Os seres vivos, homens e animais, não estão apenas no mundo, eles são do mundo. E isso precisamente porque são sujeitos e objetos - percebendo e sendo percebidos - ao mesmo tempo” (Arendt, 2022, p. 39).

Essa deve ser a premissa estabelecida para refletirmos sobre esse estudo, pois o que foi visto e interpretado são modos de Ser-no-mundo e como eles se representam a partir do encontro entre entrevistado e pesquisador. O que é “ser menino” para pais de meninos é uma questão que se refere fundamentalmente a como esses pais pensam – a partir do contexto estabelecido nessa pesquisa – sobre o que é um menino ou como a ideia se expressa na experiência de ser pai.

É preciso considerar o que move minha inquietação enquanto pesquisador, pois o

aparecimento dessas narrativas só foi possível a partir de um contexto e de uma proposta metodológica que convocou os 4 pais a pensarem sobre o tema. O palco foi montado: “As coisas vivas aparecem em cena como atores em um palco montado para elas. O palco é comum a todos os que estão vivos, mas ele parece diferente para cada espécie e também para cada indivíduo da espécie” (Arendt, 2022, p. 41).

Nesse espaço, o querer saber, objetivo dessa pesquisa, também configura um arcabouço de experiências e modos de pensar que são possíveis através da incessante busca do ser humano para compreender a si mesmo. Temos nesse palco os pais entrevistados, que, cada qual ao seu modo, discorreu sobre o tema, e o pesquisador, inquieto pelas suas experiências e indagações e buscando dar significado ao que foi falado.

O que embasa e fundamenta minha busca por atribuição de significado do que apareceu enquanto narrativa nessa pesquisa é a ideia central – base que a fenomenologia hermenêutica possibilita – do que esses pais estão pensando a partir de suas próprias experiências, de acordo com um contexto histórico que possui seus saberes, suas crenças e seus costumes e a partir da maneira singular com que cada um se relaciona com seus contextos.

Encontramos ressonância também na análise dos discursos em Foucault (Piovezani et al., 2014), onde o “sujeito” é encontrado no “discurso”, apresentando a ideia de que a formação da subjetividade está atrelada à do discurso, pois este apresenta, em seus conceitos e concepções, os modos pelos quais o sujeito interpreta e se relaciona com seu mundo.

O que temos como “questões de gênero”, tema pertinente nesse estudo, traz à tona justamente a noção de que o que se define discursivamente sobre gênero é apreendido a partir do mundo e de seus contextos (Figueiredo, 2018). Essa noção surge dos questionamentos inicialmente sobre os direitos das mulheres a partir dos movimentos feministas, que se pluralizaram em suas perspectivas e demandas ao longo do tempo (Teixeira et al., 2019).

O levantamento de novas concepções sobre papéis de gênero no século XX trouxe a

possibilidade de modos de pensar que apresentavam, sobretudo, uma ruptura com as narrativas comuns sobre gênero, propagados a partir da ideia de que representavam uma verdade. Nas ciências sociais, na psicologia, na filosofia e na antropologia, o próprio termo “gênero” possibilitou uma abertura para que as ciências se debruçassem sobre o tema a partir de uma perspectiva que considerasse os conceitos atribuídos a homens e mulheres como ideias concebidas a partir da história, da cultura e dos movimentos pertinentes às sociedades humanas (Heilborn & Rodrigues, 2018).

Assim, abre-se um horizonte de sentido próprio que entrega a indagação que se apresenta a partir da experiência vivida. Enquanto psicólogo, minha inquietação surgiu a partir do contato direto com o processo terapêutico de meninos crianças e adolescentes que – as mais das vezes – não correspondiam às expectativas de seus pais e que não se apresentavam conforme as expectativas que se relacionavam com o que os pais pensavam sobre como é “ser menino”.

Esse referencial é importante nessa análise, pois a base fundamental que orienta tanto a inquietação quanto a interpretação parte de uma possibilidade que enxerga a pluralidade como crível, que vê nas dicotomias das relações entre pais e filhos expressões de um tempo que se transforma a partir de suas possibilidades. O menino bailarino que lida com as dificuldades que surgem nos ambientes em que sua arte é vista como não própria de um menino (Wenetz & Macedo, 2018), bem como com as dúvidas e angústias de seus pais, pode ser acolhido a partir de referências que buscam ressignificar os papéis historicamente atribuídos aos meninos.

Paechter (2019), em seu estudo sobre meninos tidos como “femininos”, argumenta que a baixa incidência de pesquisas que se debruçam sobre as questões pertinentes ao tema reflete a invisibilidade desses meninos diante de contextos que provocam reações de exclusão e de agressão por conta de seus modos de ser. O autor argumenta que, na medida em que os preconceitos contra a homossexualidade ou os comportamentos tidos como presumidamente

homossexuais começam a ser combatidos com mais ênfase e expressões não heteronormativas também ganham espaço, gerando aos poucos um interesse por parte da comunidade de pesquisadores.

A psicologia, enquanto ciência voltada à compreensão dos fenômenos concernentes ao ser humano, tem como instrumento fundamental o que é falado e expressado em suas multiplicidades de formas de expressão. A fala, o discurso e a narrativa trazem elementos que estão no processo formador do indivíduo, na medida em que revela, ao seu modo, como o indivíduo interpreta o mundo quando elabora sua narrativa. Assim, temos como objeto de análise a produção de verdades de acordo com a experiência do indivíduo:

O pensamento gadameriano conduz à compreensão de que a produção de verdades é oriunda da relação que o sujeito estabelece com as coisas em sua experiência, e que, por esse motivo, não há verdade enquanto condição absoluta. O que existe, por outro lado, são verdades praticadas dentro da história, produções de significados provisórios. Vale ressaltarmos que a noção de história aqui apresentada leva ao entendimento de que o sujeito encontra-se inserido em um campo de práticas que se constitui no entrecruzamento dos acontecimentos, dos processos e das experiências pelas quais passa ao percorrer a sua trajetória formativa. (Santana, 2022, p. 217)

O que temos em perspectiva a partir das narrativas produzidas no contexto das entrevistas são elementos que falam de conceitos, ideias e formas que, de algum modo, revelam a experiência desses pais com seu próprio processo de formação. Eles falam sobre ser pai de menino e sobre “ser menino” a partir de suas experiências.

O que se torna relevante é compreender, sobretudo, que esses pais também revelam – fazem aparecer – discursos comuns e tradições que permeiam o mundo. A partir desse referencial, fundamentalmente fenomenológico-hermenêutico (Gadamer, 2020), tomamos por princípio compreender esses discursos e essas narrativas como modelos contingentes aos

acontecimentos do mundo próprio da experiência desses pais. Isso possibilita reflexões sobre a construção da própria ideia de “ser menino”.

Considerando o fato de termos como possibilidade de análise, nessa pesquisa, pais com formação acadêmica superior, pertencentes à classe média alta e de uma mesma região do Brasil, não é possível discutir sobre diferenças a partir de aspectos socioeconômicos ou regionais – e nem é esse o objetivo primário. Nossa amostra é apenas representativa do modo como os pais podem revelar o que pensam sobre o que é “ser menino” a partir da experiência de serem pais de meninos.

As entrevistas analisadas apresentaram delimitações sobre alguns temas levantados, mas de modo algum revelam uma uniformidade de pensamentos, nem mesmo se considerarmos a análise de somente um dos entrevistados. Isso não deve ser posto como uma característica incomum, visto que a experiência de mundo não pode ser posta como um conjunto de contingências absolutas que interpõe um modo único de pensar (Santana, 2022).

É importante notar que esses pais muitas vezes constroem perspectivas conflitantes. Nos moldes das entrevistas propostas, os pais estiveram no lugar de produzir pensamento e de reflexão. O caráter espontâneo do ato de pensar revela ora uma perspectiva mais objetiva, onde o delimitador é uma crença, um valor ou uma perspectiva comum sobre o comportamento de seus filhos, ora reflexões sobre temas complexos e sensíveis, como sexualidade, formação da masculinidade e diferença entre gêneros.

Essa dinâmica pode ser explicada pelo caráter de singularização na formação de um indivíduo, que não é permeada por um único modo de ser, mas pelo “Poder-Ser” que perpassa a própria experiência do indivíduo com o seu mundo (Trzan-Ávila, 2019). Assim, precisamos considerar que a própria experiência de ser pai de um menino é um fator preponderante, aparente e contextual da própria formação da ideia de “ser menino” desses pais, como foi possível compreender a partir das entrevistas apresentadas.

Encontramos esse aspecto, por exemplo, nas falas que demonstraram um conflito no que tange à expectativa inicial dos pais em relação à experiência factual com seus filhos. A ideia de ser pai de um menino pode estar perpassada por elementos que constituíram o que é “ser menino” nas experiências prévias à paternidade, mas que, de um modo ou de outro, produziram, na experiência paterna, outras perspectivas.

Identificamos nas entrevistas elementos em comum que estão relacionados ao que se constitui, enquanto conceito, como ideias de uma “masculinidade hegemônica”, que é plural, mas que tenciona para se direcionar de acordo com alguns padrões (Rodriguez, 2019). No imaginário desses pais, a ideia de virilidade, de gênero dominador, de agressividade e de força aparecem a partir do contexto da criança, exemplificada pela expectativa que esses pais depositam em suas brincadeiras e maneiras e nas diferenças com o gênero feminino.

A experiência desses pais com seus filhos, por seguinte, revela não somente o caráter formador que parte das perspectivas de como educar seus filhos, mas também a inconsistência de suas expectativas com o que os filhos por vezes apresentam. É nesse sentido que encontramos, nas narrativas desses pais, formas de refletir sobre a formação de seus filhos que trazem à superfície a relação entre comportamentos não caracterizados – para os pais – como tipicamente masculinos com a formação da sexualidade de seus filhos.

Bourdieu (2020) apresentou a ideia de que o que é posto como característico no homem configura sua condição de gênero dominante. Historicamente, a conformação de que o homem deve se portar em sua posição de poder, segundo o autor, também o enreda em categorias e modos de se comportar que limitam suas possibilidades de Ser. Nesse sentido, compreende-se que o menino, ao se comportar de modo diferente das expectativas de uma masculinidade hegemônica, é identificado como feminino. Foi desse modo que, nas narrativas desses pais, encontramos a relação entre a formação de seus filhos meninos e a possibilidade de não se comportarem ou de não serem tal qual se espera de um homem heterossexual.

O que temos como representação nessas narrativas são formas de pensar que refletem a constituição dos modos de performar nossas identidades conforme o gênero. Como referenciado, existem dinâmicas históricas, condições sociais e expressões culturais que explicam a formação dos conceitos de masculinidade e feminilidade a partir de contextos específicos. O objetivo proposto estava longe de querer evidenciar como nós enquanto sociedade pensamos o que é “ser menino”, mas a exposição e a análise das narrativas de pais de meninos servem como medida para refletir sobre a forma que a nossa relação com o mundo permeia pré-conceitos e modos de interpretar o que é “ser menino”.

Ademais, os pais, na condição de educadores de seus filhos, em geral são fonte primária na transmissão de saberes, normas, comportamentos, cultura, experiências, opiniões e funções disciplinares (Lins et al., 2014), o que confere a eles um papel importante de influência na formação de seus filhos. No entanto, isso não confere, dado que os pais não são a única influência possível, a condição de direcionarem em absoluto o modo de ser de seus filhos.

Portanto, é objeto fundamental para as ciências psicológicas compreender a dinâmica dessas narrativas como medida de análise do impacto destas na formação da criança, assim como na formação dos próprios conceitos sobre “ser menino” e “ser homem” ou sobre o masculino em si, visto que a experiência não somente revela um movimento de mudança das bases que fundamentam a narrativa, como também que, em suas contradições e embates, transformações, encontra-se o cerne do indivíduo que, na relação com seu mundo, busca sobretudo se compreender.

Esse trabalho buscou, a partir de seus fundamentos, distanciar-se de discursos essencialistas e “naturalizantes” sobre o Ser, tendência que é encontrada nas narrativas dos entrevistados, mas que precisam ser vistas em contexto. A atribuição de conceitos sobre o Ser, ou, nesse caso, sobre o que caracteriza gênero, é comum na tradição que nos permeia, mas nessa dissertação a defesa se dá a partir de uma postura que parte da premissa de que o que

precisa ser visto é os modos como esses pais pensam o que é “ser menino”, para que possamos compreender, sobretudo, que o discurso comum busca ele próprio sustentar as crenças sobre o que é “ser menino” e não os meninos em si, que, em sua pluralidade também encontrada nas falas desses pais, podem, se vistos como tal, contribuir para a formação de outras perspectivas e horizontes sobre o que é “ser menino”.

Considerações finais

Como proposto nesse estudo, o exercício de interpretação do que foi falado pelos quatro pais entrevistados teve por fundamento a fenomenologia e a hermenêutica, como pensada a partir de Heidegger e de Gadamer. Metodologicamente, além de explicitar o método fenomenológico adotado, buscou-se explicitar a questão de pesquisa, os métodos empregados, e como os resultados se ajustam aos propósitos e padrões da fenomenologia. Na análise dos dados foi adotada a postura da suspensão ontológica.

Considera-se que, para o Ser, não existe um a priori que o determina. Esse modo de pensar é a base da formulação das inquietações que envolveram toda a produção desse trabalho, que tomou sua forma a partir das possibilidades que uma pesquisa acadêmica oferece. Na medida em que a fenomenologia propõe que o Ser não possui uma essência que o caracteriza ou que o determina (Gadamer, 2020), toda interpretação sobre um ente humano se dá a partir dos referenciais presentes na relação com o mundo e com o ente.

Enquanto objetivo primário, conhecer as narrativas desses pais entrevistados foi um método escolhido também para que, no exercício de revelar esses modos de pensar, fosse possível adentrar questões pertinentes à formação dos conceitos sobre “ser menino”. O que é “ser menino” para pais de meninos abriu um campo mais amplo de interpretação, pois o que estava em questão não era somente o que esses pais especificamente pensam sobre “ser menino”, mas como essas narrativas expressam algo que, na perspectiva fenomenológica, está condicionado pela experiência própria de cada um desses pais com o mundo de suas existências.

Ao modo de Simone de Beauvoir, que buscou compreender a formação dos modos de ser mulher a partir de contextualizações históricas (Felden, 2019), pensamos que meninos também “tornam-se” meninos na experiência com seu mundo e as narrativas desses pais

evidenciaram um aspecto dessa relação. Pais, enquanto figuras centrais dos primeiros contatos dessas crianças com o mundo, oferecem aos filhos facetas de suas próprias existências. São ideias, concepções, gestos, expectativas e valores que permeiam a educação de seus filhos.

Encontramos falas que demonstraram concepções sobre o que é “ser menino”, que ora representam experiências mais particulares desses pais, ora percepções comuns que podem ser lidas pela ideia de que esses pais estão dentro de um espectro social comum – classe média alta, de uma região específica do Brasil, de idades próximas, casados e brancos – e que, portanto, vivenciam experiências semelhantes principalmente em relação a uma cultura específica que permeia o tema.

Para tornar mais claro, tomamos o conceito de moral explicado por Foucault (2020) como “um conjunto de valores e regras de ação proposto aos indivíduos e aos grupos por intermédio de aparelhos prescritivos diversos, como podem ser a família, as instituições educativas, as Igrejas, etc.” (p. 32). O que pudemos observar nas entrevistas é que existe um conjunto de normas morais comuns nesses pais, as quais aparecem nos modos como eles concebem o que é e como se forma um menino.

Encontramos convergências e repetições, mas também diferenças, fato que pode ser explicado pela reflexão de Foucault (2020):

Acontece de essas regras e valores serem bem explicitamente formulados numa doutrina coerente e num ensinamento explícito. Mas acontece também de elas serem transmitidas de maneira difusa e, longe de formarem um conjunto sistemático, constituírem um jogo complexo de elementos que se compensam, se corrigem, se anulam em certos pontos, permitindo, assim, compromissos ou escapatórias. (p. 32)

O formato de entrevista semiestruturada proposta nesse estudo permitiu o aparecimento de ambas as funções: dos compromissos e das escapatórias. Foi possível perceber que esses pais alimentam um compromisso com normas morais comuns, na medida em que expressam

preconcepções sobre o que é “ser menino”. Essas referências também influem, como visto nos relatos, na forma como esses pais educam seus filhos. Ficou nítido o quanto as expectativas geradas por essas preconcepções são determinantes para o modo que esses pais transmitem aos filhos seus saberes e seus modos de se comportar.

Contudo, também pudemos perceber possibilidades de escapatórias, pois foi no exercício de reflexão proposto e estimulado nas entrevistas que encontramos nas narrativas pensamentos que ampliam a mera rigidez moral daquilo que se espera de um menino. Vimos que isso parte tanto das experiências vividas por esses pais quanto de estruturas narrativas que permeiam o contexto histórico que vivemos. No que tange aos temas sobre sexualidade e o brincar da criança, encontramos em algumas das falas medidas de questionamento de determinadas tradições, por vezes colocando em contradição preconcepções já demonstradas em outros momentos das entrevistas.

Posso considerar este um dos elementos centrais da pesquisa, não somente pelos objetivos propostos, mas pela origem de minhas inquietações. Da percepção possível oriunda de meu trabalho clínico com crianças e adolescentes ao levantamento da literatura sobre o tema, o impacto das preconcepções sobre o que é “ser menino” na formação dos próprios meninos é evidente (Kollmayer et al., 2018, Campos et al., 2014, Bereswill, 2018, Brown & Stone, 2016, Fróis, 2020).

Em uma face, temos a formação dos meninos que, permeados pela moralidade predominante, sofrem influência na formação de seus modos de ser. Esse é um tema que pode ser mais bem explorado em outras propostas de pesquisa, pois, na gênese da formação dos meninos, podemos encontrar também questões pertinentes à construção das masculinidades, que possuem complexidades e que impactam em nossas relações sociais.

Por outro lado, o que se mostra é meninos que não se apresentam de acordo com a moralidade predominante e que performam seu gênero desafiando expectativas em diferentes

âmbitos sociais. O impacto das concepções sobre o que é “ser menino” nesses casos é mais complexo, tornando-os muitas vezes invisíveis até para as ciências, além da própria condição de vulnerabilidade frente às violências de gênero, reforçadas por narrativas morais sobre como os meninos devem performar seu gênero (Paechter, 2019).

Para as ciências psicológicas, conhecer a dinâmica dessas narrativas e suas origens, interpretá-los como pensamentos que partem de vivências de mundo e que se constituem a partir de referências históricas e tradições, são maneiras de compreender que, na multiplicidade dos modos de ser, encontramos possibilidades que se apresentam na tensão de narrativas que buscam se afirmar enquanto “verdade”, mas também na fluidez das resistências, que aparecem como alternativas possíveis de ser e estar no mundo.

Com essas narrativas, encontramos como as tradições permeiam as concepções sobre o que é “ser menino”, mas também identificamos nas reflexões que foram possíveis zonas de escape, nas quais um pensamento pode se apresentar como possibilidade de resignificação desses preconceitos. Essa abertura precisa ser conhecida, esclarecida e estimulada se, por princípio, acolhemos o direito inalienável do Ser poder ser ao seu modo. “Ser menino” é um devir.

Referências

- Arendt, H. (2022). *A Vida do Espírito* (11st ed.). Civilização Brasileira.
- Bereswill, M. (2018). Boys-the disadvantaged gender? *Internationales Archiv Fuer Sozialgeschichte Der Deutschen Literatur*, 43(2), 348-363. <https://doi.org/10.1515/iasl-2018-0017>
- Breakwell, G., Hammond, S., Fife-Schaw, C., & Smith, J. (2010). *Métodos de Pesquisa em Psicologia* (3rd ed.). Canada: Artmed.
- Brown, C. S., & Stone, E. A. (2016). Gender Stereotypes and Discrimination: How Sexism Impacts Development. *Advances in Child Development and Behavior*, 50, 105-133.
- Bola, J. J. (2020). *Seja Homem: A Masculinidade Desmascarada* (1st ed.). Porto Alegre.
- Bourdieu, P. (2020). *A Dominação Masculina* (18th ed.). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Campos, P. L., & Lemos, E. P. D. Q. (2014). Modos de ensinar e aprender a ser menina e a ser menino. *Rev. educ. PUC-Camp*, 19(3), 215-225.
- Campos, M. T. A., & Tilio, R. (2018). ‘Universo feminino e masculino’: Análise do discurso parental sobre meninos e meninas. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, 60(3), 828-846.
- Figueiredo, E. (2018). Desfazendo o gênero: a teoria queer de Judith Butler. *Revista Criação & Crítica*, (20), 40-55.
- Cardoso, L. D. R., & do Nascimento, D. L. (2017). Você brinca de boneca, mas é menino: sujeitos, gêneros e sexualidades em brincadeiras infantis. *Educação*, 40(2), 250-262.
- Casanova, M. (2017). *Leituras Fenomenológicas de Ser e Tempo: Volume 1 - Existência e mundaneidade* (1st ed.). Rio de Janeiro: Via Verita.
- Castellano, M. (2019). Criando gênero: O discurso sobre criação de meninos e meninas na autoajuda de aconselhamento parental. *E-Compós*, 22(1).
- Cólis, E. B., & de Souza, L. L. (2020). Infâncias, Gênero e Sexualidades: Uma Investigação-Intervenção com Professores de Educação Infantil. *Revista Latinoamericana de*

- Educación Inclusiva*, 1(14), 53-68.
- Felden, P. (2019). A categoria da “alteridade” em “O Segundo Sexo” de Simone de Beauvoir. *Sapere Aude*, 10(20), 809-814.
- Fernandes, C. (2016). *A estrutura ontológica da linguagem e a queda no falatório em Ser e Tempo*. [Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Minas Gerais].
- Fróis, E. (2020) A construção da expressão de gênero na infância: do gesto à palavra. *Pesquisas e Práticas Psicossociais*, 15(2), 1-15.
- Foucault, M. (2020). *História da Sexualidade 1. A Vontade de Saber* (10th ed.). Rio de Janeiro: Paz & Terra.
- Foucault, M. (2020). *História da Sexualidade 2. O Uso dos Prazeres* (10th ed.). Rio de Janeiro: Paz & Terra.
- Gadamer, H. (2020). *Verdade e Método I - traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica* (15th ed.). Petrópolis: Vozes.
- Gadamer, H. (2020). *Verdade e Método II - traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica* (15th ed.). Petrópolis: Vozes.
- Garbarino, M. I. (2021). Queixa escolar e gênero: A (des) construção de estereótipos na educação. *Revista Brasileira de Educação*, 26.
- Heidegger, M. (2006). *Ser e Tempo* (1st ed.). Petrópolis: Vozes.
- Heidegger, M. (2017). *Seminários de Zollikon* (3rd ed.). São Paulo: Escuta.
- Kishimoto, T. M., & Ono, A. T. (2008). Brinquedo, gênero e educação na brinquedoteca. *Pro-Posições*, 19(3), 209-223.
- Koennig, A. M. (2018). Comparing Prescriptive and Descriptive Gender Stereotypes About Children, Adults, and the Elderly. *Frontiers in Psychology*, 9, 1086.
- Kollmayer, M., Schober, B., & Spiel, C. (2018). Gender stereotypes in education: Development, consequences, and interventions. *European Journal of Developmental*

Psychology, 15(4), 361-377.

- Luiza Heilborn, M., & Rodrigues, C. (2018). Gênero: breve história de um conceito. *APRENDER - Caderno De Filosofia E Psicologia Da Educação*, (20), 9-21.
- Minayo, M., & Costa, A. (2018). Fundamentos Teóricos das Técnicas de Investigação Qualitativa. *Revista Lusófona de Educação*, 40(40), 139-156.
- Novaes de Sá, R. (2017). *Para Além da Técnica: Ensaio fenomenológico sobre psicoterapia, atenção e cuidado* (1st ed.). Rio de Janeiro: Via Verita.
- Paechter, C. (2019). Where are the feminine boys? Interrogating the positions of feminised masculinities in research on gender and childhood. *Journal of Gender Studies*, 28(8), 906-917.
- Rehfeld, D., Carniel, I., Vendruscolo, J., Yoshimochi, L., Jardim, L., Casanova, M., & Rosmaninho, M. (2013). *Psicologia fenomenológico-existencial: Possibilidades da atitude clínica fenomenológica* (1st ed.). Rio de Janeiro: Via Verita.
- Rios, P. P. D. S., Dias, A. F., & Brazão, J. P. G. (2019). “As brincadeiras denunciavam que eu era uma criança viada”: o gênero “fabricado” na infância. *Educação em Questão*, 57(54), 1-21.
- Rodriguez, S. de los S. (2020). Um breve ensaio sobre a masculinidade hegemônica. *Diversidade E Educação*, 7(2), 276-291.
- Szymanski, L., Szymanski, H., & Fachim, F. (2019). Interpretação como des-ocultamento: contribuições do pensamento hermenêutico e fenomenológico-existencial para análise de dados em pesquisa qualitativa. *Pro-Posições*, 30(e20180014), 1-25.
- Salk, R. H., Hyde, J. S., & Abramson, L. Y. (2017). Gender Differences in Depression in Representative National Samples: Meta-Analyses of Diagnoses and Symptoms. *Psychological Bulletin*, 143(8), 783-822.
- Selva, O., Carvalho, E. T., & Borges, S. P. (2019). Sou Menino ou Sou Menina:

- Discriminações nas Relações de Gênero e Sexualidade na Educação Infantil. *Research, Society and Development*, 8(9).
- Stahl, G. (2018). Narratives in Reconstituting, Reaffirming, and (Re)traditionalizing Identities: Othering the Nonnormative. *Men and Masculinities*, 21(5), 709-728.
- Teixeira, M. B. M., Lopes, F. T., & Gomes Júnior, A. B. (2019). Gênero e Feminismos: conceitos e perspectivas. *Caderno Espaço Feminino*, 32(1), 405-430.
- Tombolato, M. A. (2019). *As famílias homoparentais nas vozes de pais gays, mães lésbicas e seus/suas filhos(as)*. [Tese de Doutorado, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto/USP].
- Vinuto, J. (2014). A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. *Temáticas*, 22(44), 203-220.
- Wenetz, I., & Macedo, C. G. (2019). Masculinidade(s) no Balé: Gênero e sexualidade na infância. *Movimento (Porto Alegre, Brazil)*, 25, e25081.

Apêndice A – Roteiro de Entrevista

Nome fictício escolhido pelo/a participante: _____

Idade: _____ Sexo: _____

Escolaridade: _____

Profissão: _____

Idade e sexo do(s) filho(s): _____

As perguntas aqui serão norteadoras para que a entrevista siga com o tema proposto. Estão colocadas cinco questões abrangentes, com três de apoio, dependendo de como o participante discorrer sua fala. Todas estas questões podem ou não aparecer na entrevista, dependendo fundamentalmente daquilo que o participante elaborar durante a entrevista.

Questões:

- 1) Para você, como é ser pai/mãe de um menino?
 - a) Você desejava ser pai/mãe de menino?
 - b) Você está satisfeito em ser pai/mãe de menino?
 - c) Meninos dão ‘mais trabalho’ que meninas?
- 2) Para você, como meninos costumam brincar?
 - a) Brincadeira de menino é diferente de brincadeira de menina?
 - b) Meninos podem brincar com meninas?
 - c) Meninos podem brincar de brincadeiras consideradas de meninas?
- 3) O que você pensa sobre meninos serem sensíveis ou delicados?
 - a) O que você pensa sobre a ideia de que meninos costumam ser mais agressivos que meninas?
 - b) O que você pensa sobre meninos que não gostam de esportes, de brincadeiras agitadas

e que preferem atividades mais tranquilas?

- c) O que você pensa sobre meninos que preferem a companhia de meninas?
- 4) Qual sua opinião sobre as possíveis orientações sexuais de meninos?
- a) Você aceita a possibilidade de seu filho não desenvolver uma orientação sexual voltada à heterossexualidade?
 - b) Você acha que a orientação sexual depende da educação e do convívio que o menino recebe ao longo de sua infância?
 - c) O que você acha da ideia de que meninos considerados mais sensíveis e delicados terem uma tendência para desenvolver uma orientação sexual diferente da heterossexual?
- 5) O que você pensa a respeito da relação dos meninos com os estudos?
- a) Como você avalia o nível de concentração dos meninos com os estudos?
 - b) Meninos são diferentes de meninas na relação com os estudos?
 - c) Como você pensa que é o comportamento dos meninos em sala de aula?